



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

POLIANA GIANELLO SANTINI

**CONTANDO HISTÓRIAS: A ESCOLA ESTADUAL DOM BOSCO
POR MEIO DE SEU ACERVO FOTOGRÁFICO (DÉCADA DE 1950
- 2000)**

Dissertação Apresentada ao Curso de
Mestrado em Educação da Faculdade
de Educação da Universidade Federal
da Grande Dourados, para obtenção do
título de Mestre em Educação. Linha de
Pesquisa: História da Educação,
Memória e Sociedade.
Orientador: Prof. Dr. Reinaldo dos
Santos

DOURADOS/MS

JULHO/2012

COMISSÃO JULGADORA

Dourados, ____ de ____ de 2012.

**Professor Doutor Reinaldo dos Santos – UFGD
Orientador**

Professora Doutora Maurilaine de Souza Biccas – USP

Professora Doutora Magda Carmelita Sarat Oliveira– UFGD

SUPLENTE

Professora Doutora Maria do Carmo Brazil– UFGD

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central - UFGD

Santini, Poliana Gianello.

Contando Histórias: a Escola Estadual Dom Bosco por meio de seu acervo fotográfico (década de 1950 á 2000) / Poliana Gianello Santini. – Dourados, MS: UFGD, 2012. 90p.

Orientador: Prof. Dr. Reinaldo dos Santos
Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Grande Dourados.

1. Arquivos escolares. 2. Acervos Fotográficos. 3. História das Instituições Escolares. I. Título.

In Memoriam

À Tia Ester Teresinha Durand

*Pelo exemplo de força, coragem e determinação em lutar por aquilo
em que se acredita e se deseja.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por sua infinita misericórdia que se renova a cada dia.

Aos meus pais Tânia e Waldir por acreditarem em mim e pelo incentivo em lutar por meus sonhos. Aos meus irmãos, Patric e Kalyana, e cunhados Bruna e Eder por estarem sempre ao meu lado me apoiando.

A diretora Aparecida Márcia Brochado Souza (EE Dom Bosco), por permitir o acesso ao interior da escola. Aos funcionários da secretaria e da biblioteca da instituição, pela colaboração e paciência em me atenderem.

Ao Padre João Bosco Maciel, e Silvana Sotolani Furlan por me auxiliarem na localização de documentos no Arquivo da Missão Salesiana de Mato Grosso, localizada em Campo Grande/MS.

A Sara Pires Oliveira, pelo carinho, pela amizade e principalmente pelo auxílio e apoio ao longo desta jornada, você me aguentou e muito, nunca saberei como te agradecer por tudo o que você fez por mim, *gracias chica*.

A tia Sandra e Irmão Adauto, pelo apoio e carinho, e principalmente pelo chimarrão sempre presente em qualquer momento, vocês são uma segunda família para mim.

A Maria do Carmo pela amizade e carinho e por ter me auxiliando na tradução do resumo da dissertação.

A Ane Caroline Pereira Cruz, obrigada por me mostrar que existe vida além dos livros e por ter me deixando menos antissocial, obrigada ainda pelos seus conselhos, por me ouvir e me auxiliar na elaboração e na correção deste trabalho.

A Simone Fontana pela amizade e pelo apoio durante todo este percurso, obrigada pelos conselhos e por não me deixar desistir em momento algum.

A Milen pela amizade e carinho, obrigada pelos seus conselhos e principalmente pelo seu exemplo de superação.

A Fabiana Gomes da Silva, que pouco participou desta jornada, mas que ainda assim tem me mostrado que preciso seguir em frente e que há novos caminhos a serem trilhados.

Agradeço ainda, aqueles que duvidaram do meu potencial e da minha competência, a sua dúvida e desconfiança me motivaram a superar os meus limites.

A Professora Dra. Alessandra Cristina Furtado, pelo apoio, sua paixão pela História da Educação e pelos arquivos foi uma das razões por eu ter escolhido fazer este mestrado em Educação.

Aos meus colegas de Mestrado, pela companhia, pelo carinho, pelas discussões em sala de aula, pelos corredores da universidade, nas viagens realizadas ou ainda em uma simples roda de tereré. Em especial aos colegas da Linha de História da Educação, por compartilharem das dúvidas e incertezas durante o caminho trilhado.

Aos meus professores do Mestrado, pela dedicação em compartilhar conosco seus conhecimentos acerca da docência e da pesquisa acadêmica.

Aos professores da banca de Mestrado, pelo apoio e pelo voto de confiança.

Ao Professor Dr. Reinaldo dos Santos, pela orientação e principalmente pela paciência ao longo deste trabalho.

A CAPES pela bolsa de mestrado no primeiro semestre de 2010.

A FUNDECT pela bolsa de mestrado recebido a partir do segundo semestre de 2010.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Vista aérea da EE Dom Bosco e do Distrito de Indápolis/MS., **p.41**

FIGURA 2: Mapa de localização do distrito de Indápolis em relação ao município de Dourados/MS. **p.43**

FIGURA 3 - Colégio Salesiano de Santa Teresa em Corumbá/MS, **p.69**

FIGURA 4 - Primeira casa e prédio escolar construída pela Missão Salesiana no distrito de Indápolis, **p.70**

FIGURA 5 - Fachada do Colégio de Iniciação Agrícola Presidente Dutra, de Santo Antônio de Leverger/MT. **p.72**

FIGURA 6 - Pátio interno do Colégio Agrícola Dom Bosco – sem data. **p.74**

FIGURA 7 - Grupo “Análise Bovina” – Feira de Ciências da EE Dom Bosco. (Década de 1990). **p.77**

FIGURA 8 - Apresentação dos trabalhos durante Feira de Ciências na EE Dom Bosco I– década de 1990. **p.79**

FIGURA 9 - Apresentação dos trabalhos durante Feira de Ciências na EE Dom Bosco III. – década de 1990. **p.81**

FIGURA 10 - Apresentação dos trabalhos durante Feira de Ciências na EE Dom Bosco IV. – década de 1990. **p.83**

FIGURA 11 - Visita dos alunos da EE Dom Bosco a Fabrica Seara – década de 1990. **p.86**

LISTA DE ABREVIACOES

CAND - Colônia Agrícola Nacional de Dourados

CEAD – Centro Educacional Agrícola de Dourados

CEE – Conselho Estadual de Educação

EE - Escola Estadual

HEM - Habilitação Específica para o Magistério

MSMT - Missão Salesiana de Mato Grosso

SED – Secretaria de Educação do Estado

SUDESUL – Superintendência para o Desenvolvimento do Sul

UCDB – Universidade Católica Dom Bosco

UFGD – Universidade Federal da Grande Dourados

UFMS – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

UFMT – Universidade Federal de Mato Grosso

RESUMO

RESUMO:

Esta dissertação teve como objetivo escrever um pouco da história da Escola Estadual Dom Bosco, localizada no distrito de Indápolis/MS. Criada inicialmente como Colégio de Iniciação Agrícola Dom Bosco em meados da década de 1950 esta instituição escolar passou por diversas transformações ao longo do tempo. Como referencial teórico metodológico recorreu-se a Nova História Cultural, com ênfase nos trabalhos acerca da História das Instituições Escolares, e utilizando a Cultura Escolar enquanto categoria de análise que adotamos o acervo fotográfico da EE Dom Bosco enquanto fonte de pesquisa, bem como algumas fotografias do Arquivo da Missão Salesiana de Mato Grosso, localizado na cidade de Campo Grande/MS.

PALAVRAS-CHAVE: Acervo fotográfico, História da Educação, Cultura escolar, EE Dom Bosco.

RÉSUMÉ

Cette dissertation vise à écrire un peu d'histoire de l'École d'État Don Bosco, située dans le district de Indápolis/MS. Fondée initialement comme le Collège de l'initiation Agricole Don Bosco dans le milieu des années 1950 que l'école a subi plusieurs transformations au fil du temps. Comme un cadre théorique, nous avons utilisé la nouvelle histoire culturelle, en mettant l'accent sur les travaux sur l'histoire des institutions scolaires, et en utilisant la culture de l'école en tant que catégorie d'analyse, nous avons adopté la collection photographique de Don Bosco EE comme une source de recherche, ainsi que quelques photos fichier de la Mission salésienne du Mato Grosso, situé à Campo Grande / MS.

MOTS CLÉS: collection photographique, histoire de l'éducation, la culture scolaire, l'École d'État Don Bosco .

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO ----p. 12

CAPITULO I: HISTÓRIA DAS INSTITUIÇÕES ESCOLARES E CULTURA ESCOLAR NO CAMPO DE PESQUISA DA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO ---

p. 17

1.1 - A CULTURA ESCOLAR ENQUANTO OBJETO DE PESQUISA PARA A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO ---p. 18

1.2 - A HISTÓRIA DAS INSTITUIÇÕES ESCOLARES NA PESQUISA EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO ---p. 20

1.3 - PESQUISAS ACERCA DA HISTÓRIA DAS INSTITUIÇÕES ESCOLARES NOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO DE MATO GROSSO E MATO GROSSO DO SUL ---p. 26

CAPITULO II A ESCOLA ESTADUAL DOM BOSCO: CONTEXTUALIZANDO A SUA HISTORIA ---p. 39

2.1 - TRAJETÓRIA HISTÓRICA DA ESCOLA ESTADUAL DOM BOSCO --- p.44

2.1.1 – CONTEXTUALIZAÇÃO DA REGIÃO DA GRANDE DOURADOS, A PARTIR DA DÉCADA DE 1930 ---p.44

2.1.2 – CRIAÇÃO DO COLÉGIO DE INICIAÇÃO AGRÍCOLA DOM BOSCO --- p.9

2.2 – ACERVOS FOTOGRÁFICOS ENQUANTO FONTES DE PESQUISA PARA A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO ---p. 58

2.3 - O ACERVO FOTOGRÁFICO DA EE DOM BOSCO: LEMBRANÇAS E MEMÓRIAS POR MEIO DAS IMAGENS ---p. 66

CONSIDERAÇÕES FINAIS ----p. 89

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS ----p. 92

ANEXOS --- p.98

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa de mestrado inicialmente denominada de “Do mapeamento das fontes primárias às possibilidades de escrita de uma história da formação de professores das séries iniciais da rede pública de Dourados/MS (1982 a 1989)” e financiada pela FUNDECT, tinha como objetivo mapear parte do acervo da Escola Estadual Dom Bosco buscando apresentar as possibilidades de escrita da história da formação do curso de Magistério na cidade de Dourados/MS.

O trabalho estava organizado em três momentos distintos, primeiramente com uma discussão sobre História da Educação, Arquivos e fontes de pesquisa; depois, A questão do mapeamento e as possibilidades de pesquisa dos acervos escolares e por fim, a História da Escola com base nos seus documentos.

Entretanto, ao longo do desenvolvimento do trabalho e principalmente durante a banca de defesa percebeu-se a sua inviabilidade enquanto uma pesquisa de mestrado.

Nesse sentido, para garantir um caráter mais acadêmico e científico do trabalho, os professores presentes na banca de defesa sugeriram a alteração total do projeto.

Para tanto, as questões relacionadas ao mapeamento de fontes e organização do acervo escolar foram deixadas apenas para configurar o relatório da bolsa de pesquisa, enquanto que para a dissertação propriamente dita, optou-se por trabalhar apenas a história da escola.

Durante o mapeamento realizado no interior da escola, além dos documentos escritos (cartas, relatórios, ofícios, diários de classe etc.) uma grande quantidade de registros fotográficos foi localizada.

Percebendo então as potencialidades deste acervo fotográfico, a banca de defesa sugeriu adotá-lo enquanto fonte de pesquisa para esta nova dissertação.

Assim sendo, a nova dissertação a ser desenvolvida estará situada na área de História da Educação, com ênfase na História das Instituições

Escolares, adotando a Cultura Escolar como categoria de análise para o estudo do acervo fotográfico localizado em instituições de ensino.

O objeto de estudo foi a reconstrução da história da Escola Estadual Dom Bosco, localizada no distrito de Indápolis/MS, buscando por meio do seu acervo fotográfico e tendo como arcabouço a cultura escolar, identificar traços, gestos, que ainda permeiam as atividades da escola. Ou ainda, como afirmou Carvalho (1998), ao recorrer à metáfora de Julia (2001), sobre a “caixa preta” escolar,

(...) penetrar a caixa preta escolar, apanhando-lhe os dispositivos de organização e o cotidiano de suas práticas; pôr em cena a perspectiva dos agentes educacionais; incorporar categorias de análise – como gênero -, e recortar temas – como profissão docente, formação de professores, currículos e práticas de leitura e escrita (...). (CARVALHO, 1998, p.32).

Criada inicialmente como Colégio de Iniciação Agrícola Dom Bosco, na década de 1950 e voltada para atender aos filhos dos colonos residentes na CAND (Colônia Agrícola Nacional de Dourados), ofertando uma educação que tinha como foco a qualificação para o trabalho agrícola.

Em seus primeiros anos de funcionamento, a escola foi mantida e administrada pela Missão Salesiana do Mato Grosso e funcionava como internato, atendendo apenas aos rapazes.

Ao longo dos anos a organização interna da escola foi-se alterando, bem como seus objetivos quanto ao conteúdo a ser ensinado e clientela a ser atendida.

Isso pode ser percebido por meio das alterações de denominação da instituição, que ao longo das décadas de 1960 à 2000, teve nome modificado para, Ginásio Agrícola Dom Bosco (1967); Escola Estadual de 1º grau Dom Bosco (1974); Escola Estadual de 1º e 2º grau Dom Bosco (1977) e por fim, Escola Estadual Dom Bosco(2008).

Ao longo do trabalho para evitar confusões usaremos a denominação atual da escola (Escola Estadual Dom Bosco) quando estivermos nos referindo a ela.

Se, em seu início a escola tinha como função inicial propiciar uma formação para o trato agrícola para os rapazes, filhos dos colonos, depois, ao

longo dos anos, conforme as alterações nominais que lhe foram designadas, isso acarretou alterações em seus objetivos, ou seja, a instituição deixou de ofertar essa capacitação para o trabalho agrícola, passando a ofertar somente as séries do ensino regular. A escola deixou de ser internato e passou a aceitar meninas em seus bancos escolares.

Quando da sua estadualização, perde-se o caráter de escola agrícola, ofertando somente o chamado ensino de 1º grau. Entretanto, a partir de 1977, a instituição volta a oferecer cursos técnicos, o primeiro deles, o Técnico em Contabilidade, de modo a garantir a oferta do então chamado 2º grau. A partir de 1982 a escola inicia a oferta do curso de Magistério, no ano de 1996, a escola deixa de oferecer o curso de Habilitação Específica para o Magistério, e passa a atender somente as séries finais do Ensino Fundamental e o Ensino Médio, bem como algumas turmas de EJA (Educação de Jovens e Adultos).

Tendo como base a cultura escolar, ao analisar o acervo fotográfico da instituição percebe-se que determinadas questões desta formação para o trato agrícola ainda permanecem em seu interior. Isso pode ser percebido, por exemplo, quando se trata da clientela atendida atualmente pela escola, cerca de 90% dos alunos são oriundos da zona rural do município de Dourados e Fátima do Sul.

Esta dissertação ficará organizada em dois capítulos assim organizados;

O primeiro capítulo da dissertação, denominado de **“HISTÓRIA DAS INSTITUIÇÕES ESCOLARES E CULTURA ESCOLAR NO CAMPO DE PESQUISA DA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO”**, tem como objetivo discutir um pouco sobre o conceito de cultura escolar e de que maneira ela pode ser adotada como uma categoria de análise nas pesquisas em História da Educação.

A seguir adentrou-se na questão da História das Instituições Escolares, procurando perceber como a mesma tem-se consolidado enquanto campo de pesquisa.

Ao final será apresentado um levantamento de dissertações produzidas nos Programas de Pós-Graduação em Educação nos estados de Mato Grosso

e Mato Grosso do Sul, cuja temática tenha sido História das Instituições Escolares, no sentido de perceber a relevância de trabalhos como este.

Afinal como Nosella e Buffa (2009), assinalaram, apesar de haver um crescente número de trabalhos voltados para a História das Instituições Educacionais, percebe-se ainda, que boa parte das pesquisas privilegia grandes instituições escolares, normalmente escolas pioneiras em alguma modalidade de ensino, como Escolas Normais, Grupos Escolares, dentre outros.

Já o segundo capítulo, **“A ESCOLA ESTADUAL DOM BOSCO: CONTEXTUALIZANDO A SUA HISTORIA”**, estará organizado em três momentos, inicialmente será apresentado uma discussão acerca da fotografia e de álbuns fotográficos enquanto fontes de pesquisa para a História da Educação.

A seguir, será apresentado um pouco da história da Escola Estadual Dom Bosco, em que contexto a instituição foi criada e por quais alterações a mesma foi passando ao longo do tempo.

Por fim, baseado nas discussões acerca dos acervos fotográficos que abriram este capítulo, bem como algumas questões sobre cultura escolar teremos a apresentação do acervo fotográfico da escola, procurando perceber as chamadas práticas escolares, e como se dava a transmissão de determinados saberes, sua organização interna, seu cotidiano.

Vale salientar que o acervo fotográfico da EE Dom Bosco começou a ser montando somente a partir de 1998, como um dos resultados do PDE (Plano de Desenvolvimento da Escola) nesse sentido, utilizará como complemento, algumas fotografias fornecidas pela Missão Salesiana de Mato Grosso, referente às décadas de 1950 a 1980.

CAP I

HISTÓRIA DAS INSTITUIÇÕES ESCOLARES E CULTURA ESCOLAR NO CAMPO DE PESQUISA DA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

Este capítulo tem como objetivo abordar a História das Instituições Escolares enquanto um campo de pesquisa. Para tanto, inicialmente, é feita uma apresentação acerca da Cultura Escolar enquanto categoria de análise na pesquisa em História da Educação.

Em um segundo momento, é apresentado como a temática história das instituições escolares surgiu dentro do campo da pesquisa em História da Educação, bem como a mesma tem se consolidado nos últimos anos nesta área do conhecimento.

Por fim, é apresentada uma revisão bibliográfica sobre a produção dos Programas de Pós Graduação em Educação dos estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, com o intuito de situar este trabalho no campo de estudo da História da Educação e dimensionar sua relevância.

1.1 - A CULTURA ESCOLAR ENQUANTO OBJETO DE PESQUISA PARA A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

A partir de meados da década de 1980, ocorreram mudanças no campo de pesquisa da História, que conseqüentemente influenciaram a investigação em História da Educação. Com o avanço das teorias baseadas na chamada Nova História Cultural, oriunda da Escola dos Annales, há o aparecimento de novos temas e novos objetos no estudo da História da Educação. Para Nunes (1996), a Nova História Cultural, dentro do campo de pesquisa da História da Educação, terá uma influencia muito grande com a ideia de alargamento das fontes e dos objetos, bem como as novas abordagens de pesquisa.

Décio Gatti Jr. e Eurize Pessanha (2005), ao recorrerem a Vinão Frago, sinalizam alguns resultados desta relação entre a Nova História Cultural e História da Educação, ao apontarem que,

a investigação em história da educação na proximidade com a nova história cultural tem sido fértil. Em primeiro lugar, nas pesquisas sobre os processos de profissionalização docente e formação das disciplinas acadêmicas como história intelectual, com duas abordagens básicas: a história dos intelectuais (formas de seleção, memoriais etc.; a apreensão das ideias de um grupo intelectual em relação a uma questão concreta). (2005, p.76).

Dentre os novos temas ou ainda novos olhares têm o caso da história das instituições, no qual a escola vai além do que um simples prédio construído procura-se ver o que há por detrás dos muros escolares, o que se passa no interior da escola. A esse respeito, Gatti Jr. e Pessanha assinalaram que,

De um modo geral, tanto as interpretações construídas por pesquisadores estrangeiros quanto por brasileiros tem seguido um roteiro de pesquisa bastante similar, em que se destacam preocupações com os processos de criação e do desenvolvimento (ciclo de vida) das instituições educativas; a configuração e as mudanças ocorridas na arquitetura escolar; os processos de conservação e mudança do perfil dos alunos; as formas de configuração e transformação do saber veiculado nestas instituições de ensino etc. (2005, p.82).

Nesse sentido, que vale a pena recorrer à cultura escolar enquanto uma categoria de análise, uma vez que ela possibilita entender os aspectos

que caracterizam a escola enquanto organização, englobando os aspectos físicos e materiais, as práticas, as condutas e os significados característicos do cotidiano das instituições de ensino.

Diana Vidal (2009), já havia apontado que a cultura deixou de ser vista como algo extramuro, sendo vista como um objeto interno da instituição escolar. No entender da autora,

As várias formas de abordagem colocam em relevo a singularidade da cultura escolar, incitando as análises que levem em consideração as experiências de ensino e aprendizagem, de convívio e socialização, de regulação e subversão, de classificação e hierarquização ali ensinadas. (2009, p.106).

Por cultura escolar, adota-se como definição, a proposta por Dominique Julia (2001), ao dizer que,

poder-se-ia descrever a cultura escolar como um conjunto de *normas* que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de *práticas* que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização). (2001, p.10).

Ao longo de seu texto, Julia (2001) chama a atenção para o fato de que a cultura escolar não se restringe apenas ao espaço da escola, ela também pode ser encontrada fora dos muros escolares, por meio da comunidade que vive em torno da instituição, por meio das famílias dos alunos e professores.

Há de se considerar aqui que a cultura escolar não diz respeito apenas às atividades realizadas no interior da escola, ela está também relacionada à cultura material da escola, de seu prédio, de sua estrutura, móveis, materiais pedagógicos, dentre outros.

Afinal, “a arquitetura escolar é também por si mesma um programa, uma espécie de discurso que institui na sua materialidade um sistema de valores, como os de ordem, disciplina e vigência [...]” (ESCOLANO, 1998, p.26).

Souza (2007), já havia alertado para esta questão,

De fato, implica desviar o olhar para dimensões do universo educacional – edifícios, mobiliário, utensílios, materiais pedagógicos, manuais didáticos etc. – quase sempre tomados

como um dado natural, evidentes por si mesmos, sem maior relevância, ainda que sejam suportes de práticas, instrumentos mediadores da ação educativa e elementos estruturais para o funcionamento dos estabelecimentos de ensino. (p.11).

Ao utilizar como referência os estudos de Viñao Frago e Dominique Julia, Diana Vidal (2009) pontua que a cultura escolar não é única, não é algo homogêneo, sendo que cada instituição escolar possui características próprias, de modo que “haverá assim, tantas culturas escolares quanto instituições de ensino” (p.35).

Ao compreender que a cultura escolar não é algo único, que varia de uma instituição escolar para outra, e que para entendermos seu real significado torna-se necessário compreender também a história da escola, que é abordado no próximo item deste capítulo, com a temática história das instituições escolares surgiu dentro do campo da pesquisa em História da Educação, bem como a mesma tem se consolidado nos últimos anos, nesta área do conhecimento.

1.2 - A HISTÓRIA DAS INSTITUIÇÕES ESCOLARES NA PESQUISA EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

As primeiras pesquisas acerca das instituições escolares surgem na Europa por volta da década de 1960, enquanto que no Brasil terá início por volta da década de 1970 com a criação dos primeiros Programas de Pós-Graduação na área de Educação.

Dentre os novos temas que surgiram com a Nova História Cultural na História da Educação, podemos citar a questão da História das Instituições Escolares, a formação de professores, a profissão docente, o gênero, a infância, a imprensa pedagógica, os livros didáticos, entre outros. Carvalho reiterou essa afirmação quando disse que,

A escola passa a ser concebida como produto histórico da interação entre dispositivos de normatização pedagógica e práticas dos agentes que se apropriam deles. Com os conceitos de forma e cultura escolares, são postas em foco as práticas constitutivas de uma sociabilidade escolar e de um modo, também escolar, de transmissão cultural. (...) Nessa

reconfiguração, a História da Educação se especializa em uma pluralidade de domínios – história das disciplinas escolares, história da profissão docente, história do currículo, história do livro didático, etc. (CARVALHO, 1998, p.33).

É nesse sentido então, que a pesquisa sobre a história das instituições escolares, vista como uma das especialidades adentra na História da Educação. De acordo com Gatti Jr (2002), as pesquisas sobre a história das instituições educacionais integram uma tendência recente dentro do campo de pesquisa da História da Educação.

No entendimento de Nosella e Buffa (2008),

os estudos de instituições escolares representam um tema de pesquisa significativo entre os educadores, particularmente no âmbito da história da educação. Tais estudos, realizados quase sempre nos programas de pós-graduação em Educação, privilegiam a instituição escolar considerada na sua materialidade e nos seus vários aspectos: o contexto histórico e as circunstâncias específicas da criação e da instalação da escola; seu processo evolutivo: origens, apogeu e situação atual; a vida da escola; o edifício escolar: organização do espaço, estilo, acabamento, implantação, reformas e eventuais descaracterizações; os alunos: origem social, destino profissional e suas organizações; os professores e administradores: origem, formação, atuação e organização; os saberes: currículo, disciplinas, livros didáticos, métodos e instrumentos de ensino; as normas disciplinares: regimentos, organização do poder, burocracia, prêmios e castigos; os eventos: festas, exposições, desfiles (p.16).

Para Gatti JR (2002), as pesquisas acerca da história das instituições educativas visam dar conta dos vários atores envolvidos no processo educativo, de modo a gerar um conhecimento mais aprofundado acerca destes espaços.

Nosella e Buffa (2008) sinalizaram que para entender a história de uma instituição educativa, necessita buscar o seu contexto histórico, a sua arquitetura, a sua organização interna, seus alunos e professores, etc. No entanto, Gatti Jr. (2002) afirmou que se faz necessário apreender os elementos que caracterizam a identidade da instituição escolar, de modo a gerar um conhecimento mais aprofundado sobre a história da escola.

Entretanto, o que se nota, é que, de um modo geral, os estudos acerca da história das instituições de ensino focalizam quase sempre os seus processos de criação, alterações ocorridas em sua arquitetura, perfil docente e

discente, bem como as transformações dos saberes veiculados em seu interior. (GATTI JR., 2002).

De acordo com o pesquisador português Magalhães (2005, p.98),

A história das instituições educativas é um domínio do conhecimento em renovação e em construção a partir de novas fontes de informação, de uma especificidade teórico-metodológica e de um alargamento do quadro de análise da história da educação, conciliando e integrando os planos macro, meso e micro. É uma história, ou melhor, são histórias que se constroem numa convergência interdisciplinar.

Com isso, Magalhães quer dizer que escrever a história de uma determinada instituição não é apenas listar a data de criação, necessita-se ir além, buscar por dados e informações que fogem da tradicional data de criação e data de fechamento do prédio escolar. Segundo Gatti Jr (2002), deve-se valorizar os seguintes elementos identitários:

1. Origem, criação, construção e instalação.
2. Prédio (projeto, implantação, estilo e organização do espaço).
3. Mestres e funcionários (perfil).
4. Clientela (alunos, ex-alunos).
5. Saber (conteúdos escolares).
6. Evolução.
7. Vida (cultura escolar: prédio, alunos, professores e administradores, normas). (GATTI JR & PESSANHA, 2005, p.82).

No entanto, o pesquisador português Magalhães (1998) denomina estes elementos identitários de categorias de análise, podendo o mesmo ser composto pelo espaço, ou seja, o local, o edifício onde está construído a escola e utilizado como espaço escolar, a questão do tempo, com isso o autor apontou, também, para a pesquisa sobre a história das instituições escolares, a questão da organização do horário escolar, englobando os dias letivos, os horários de início e término das aulas.

Magalhães (1998), também chama a atenção para a questão do modelo pedagógico adotado pela instituição, os seus professores, com ênfase na sua profissionalização, histórias de vida, formação, os manuais escolares, ao pensar em quais conteúdos eram repassados aos alunos, qual visão que os livros estavam apresentando, a questão do público, quem eram os seus alunos,

a comunidade em torno da instituição e como a mesma se relacionava e ainda se relaciona com a escola podem, também, ser tidas como categorias de análise. O autor aponta, ainda, para a questão da dimensão cultural, ou seja, em quais níveis se davam a apropriação e a transferência da cultura escolar que também podem ser vistas como categorias de análise para a pesquisa em história das instituições escolares.

Com base nestas categorias de análise, ou ainda em elementos identitários das escolas, que deve considerar na pesquisa sobre a história das instituições escolares, pois estes contribuem significativamente na construção das interpretações sobre as instituições escolares.

O autor brasileiro Sanfelice (2006) afirmou que fazer a história das instituições, é importante pelo fato dos historiadores terem a preocupação não apenas de registrar o passado, mas também o presente. Segundo o autor, uma boa narrativa busca compreender e interpretar, a

educação praticada em uma dada sociedade e que se utiliza das instituições escolares, como um espaço privilegiado para executá-la. A singularidade das instituições educativas mostra e esconde como ocorreu e/ou ocorre o fenômeno educativo escolar de uma sociedade (SANFELICE, 2006, p.24)

Sanfelice (2006) registrou, ainda, que pesquisar instituições escolares, é também um exercício de ir à busca das suas origens, do desenvolvimento ao longo do tempo, bem como das alterações arquitetônicas pelas quais passou, ao longo de sua história, sendo que o essencial, para o autor seria tentar responder as questões sobre o que determinada instituição trouxe de novo, o que ela instituiu para si, e para a sociedade onde está inserida, e qual seria o sentido do que foi instituído.

Então, podemos dizer que se produz um trabalho historiográfico das Instituições Escolares para interpretar o sentido daquilo que elas formaram, educaram, instruíram, criaram e fundaram, enfim, o sentido da sua identidade e da sua singularidade. (SANFELICE, 2006, p.24).

Pesquisar a história de uma instituição escolar é penetrar em seu interior, em busca de identificar quem foram seus alunos nos primeiros anos de funcionamento e como essa clientela foi se transformando ao longo do tempo; quem eram seus professores, enfim, há uma gama de questões que vão

surgindo conforme vamos adentrando no espaço escolar, e que quando bem analisados, podem nos fornecer importantes respostas.

Nesse sentido, vale a pena registrar que penetrar no interior da instituição, torna-se necessário também para pensar na questão dos documentos, ou ainda, das fontes a serem utilizadas no estudo da história das instituições escolares, pois como sublinhou Saviani (2004),

As fontes estão na origem, constituem o ponto de partida, a base, o ponto de apoio da construção historiográfica que é a reconstrução, no plano do conhecimento, do objeto histórico estudado. Assim, as fontes históricas não são a fonte da história, ou seja, não é delas que brota e flui a história. (p.05)

Desse modo, Saviani (2004) apontou para o fato de que as fontes na verdade se apóia no conhecimento elaborado a respeito da história e nesse caso específico, sobre a história das instituições escolares.

Sabemos que na verdade, o que utilizamos são os documentos produzidos pela instituição escolar ou por pessoas que estiveram de alguma forma relacionada com ela. Sendo assim, é o olhar que lançamos ao documento que o transforma em fonte de pesquisa. A esse respeito, Werle (2007) sinalizou que:

Os documentos, elementos pré-textuais, considerados no processo de acreditação são representações, simbolização da instituição, articuladas às relações de poder, a seus valores, práticas e propostas pedagógicas. (p.16)

Diante disso, a autora aponta para a questão das representações, ou seja, para os indícios, sinais, manifestações que estão presentes na escola, mas que não precisam ser ditos, para serem lembrados, como por exemplo, as imagens na entrada do espaço escolar, os emblemas, as cores nos uniformes, etc.

Entretanto, vale a pena lembrar que é preciso tomar cuidado com o uso dos documentos enquanto fontes de pesquisa, no sentido de que os mesmos não sejam transformados em monumentos, pois o documento precisa ser analisado, criticado, afinal, como advertiu Le Goff (1990),

O documento não é inócuo. É antes de mais nada, o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez

esquecido, durante as quais continuou manipulado, ainda que pelo silêncio. (p.548).

Nesse sentido, torna-se importante, saber desmistificar o documento, desconstruí-lo, ler nas entrelinhas, buscar pelos ditos e não ditos do mesmo, passar a ver o documento como o resultado de uma construção das sociedades históricas, que tinham por objetivo impor determinada representação.

Vale lembrar ainda que ao se realizar uma pesquisa acerca da história das Instituições Escolares, torna-se necessário tomar alguns cuidados, como os mencionados Werle (2004), dentre eles a questão de acabar adotando o discurso oficial da instituição. Desse modo, é preciso muito cuidado no momento de escolha de quais documentos analisar e, principalmente, de quais discursos irá reproduzir, tentar manter certa imparcialidade em relação ao que se encontra nos arquivos e, sobretudo, nos discursos a serem analisados.

Para escolas que ainda estão em funcionamento, vale a pena questionar, o que mudou em tantos anos de funcionamento, quem são seus alunos hoje, quais as práticas escolares que a instituição ainda mantém em seu interior, quem são seus professores, qual a formação de cada um etc.

Afinal como pontuou Werle (2004), a história das instituições escolares é na verdade,

Uma tentativa de enunciar, de elaborar um discurso, uma interpretação à qual se daria um estatuto privilegiado, vinculado, o mais possível, a diferentes momentos ou fases da instituição e a seu contexto. (p.14).

Nesse sentido, autora quis dizer que escrever a história de uma determinada instituição escolar não é apenas fazer um relato ou ainda uma “recitação de acontecimentos” (Werle, 2004, p.14), mas sim uma narrativa baseada em interpretações, com releituras da versão oficial da sua história.

De acordo com Werle (2004), a história das instituições escolares normalmente está vinculada á figura de alguma pessoa, o primeiro diretor, ao seu fundador, havendo, portanto, o que a autora chamou de “seus herdeiros” (p.19), no sentido de que procuram manter vivo aquele ideário inicial, ou ainda os interpretam em diferentes momentos temporais conforme a sua necessidade.

Nesse sentido, ao se iniciar a pesquisa acerca de uma determinada instituição escolar, torna-se necessário, “revisitar o projeto primitivo, a posição do fundador, aquele que lhe deu paternidade, retomar as formas de organização jurídica e material” (WERLE, 2004, p.19), de modo a buscar pelos silêncios, os fatos esquecidos, ou não evidenciados.

Após estas questões e pensando que a pesquisa a ser desenvolvida será sobre uma escola localizada na cidade de Dourados, marcada por algumas especificidades, bem como o fato de que precisamos compreender em que contexto a pesquisa sobre esta instituição se insere, apresentaremos a seguir um levantamento acerca das dissertações voltadas para a temática da história das instituições escolares, que tenham sido desenvolvidas em Programas de Pós-Graduação nos estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.

Optamos por realizar este levantamento apenas em Programas de Pós-Graduação dos estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, devido ao fato de que a História da Educação nos dois estados está interligada, afinal o estado de Mato Grosso do Sul foi criado somente em 1979, e, portanto, grande parte das instituições educacionais do estado foi criada quando esta região ainda pertencia ao estado de Mato Grosso.

1.3 – PESQUISAS SOBRE A HISTÓRIA DAS INSTITUIÇÕES ESCOLARES NOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO DE MATO GROSSO E MATO GROSSO DO SUL

Nosella e Buffa (2009) por meio de um levantamento nos bancos de teses e dissertações de grandes instituições como a USP, UNESP e CAPES, apontaram que boa parte das pesquisas sobre a história das instituições Escolares, normalmente é voltada para as instituições educacionais mais antigas e socialmente privilegiada, como as de Ensino Superior, Escolas Normais, Escolas Confessionais (com grande ênfase nas femininas), escolas de referencias como o Colégio Pedro II, entre outras.

Diante disso, pode-se dizer que as escolas voltadas para a formação para o trabalho, ou destinadas à classe média, ou à classe baixa, são pouco pesquisadas na História da Educação.

Entretanto, existem outras escolas que também merecem o seu destaque, como as escolas rurais, escolas localizadas em bairros periféricos e carentes, escolas voltadas para a formação para o trabalho, dentre outras.

Apesar de os Programas de Pós-graduações nos estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul serem relativamente recentes, muitas pesquisas acerca da História da Educação já foram desenvolvidas, e como esta pesquisa tem como objetivo estudar uma instituição escolar, optou-se por realizar um mapeamento acerca dos trabalhos, cuja temática tenha sido a História das Instituições Escolares, visando compreender o lugar que esta dissertação ocupa no campo de pesquisa de História da Educação e principalmente no campo de História das Instituições Escolares.

Para tanto, realizou-se um levantamento no site dos Programas de Pós-Graduação das seguintes instituições; UFGD¹ (Universidade Federal da Grande Dourados); UFMS² (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul); UFMT³ (Universidade Federal de Mato Grosso); UCDB⁴ (Universidade Católica Dom Bosco).

Brazil e Furtado (2010), no capítulo “Instituições Escolares em Mato Grosso e Mato Grosso do Sul: primeiros apontamentos sobre a produção historiográfica nos séculos XX e XXI”, apontaram que a temática história das instituições escolares é uma das mais pesquisadas pela historiografia educacional dos Estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul e que,

Posteriormente, aparecem as temáticas sobre história do ensino nas instituições escolares e história das disciplinas escolares em instituições de ensino. No que diz respeito às temáticas menos investigadas sobre a História da Educação desses dois Estados, podemos citar os estudos acerca da

¹ <<http://www.ufgd.edu.br/fch/mestrado-historia/dissertacoes-defendidas>> Consultado em: 20 abr. 2012; <<http://www.ufgd.edu.br/faed/mestrado-educacao/dissertacoes-defendidas>> Consultado em: 20 abr. 2012.

² <<http://www.propp.ufms.br/poseduc/>> Consultado em: 20 abr. 2012. Os resumos das dissertações defendidas são publicados ao final da Revista Intermeio.

³ <<http://www.ie.ufmt.br/ppge/dissertacoes/index.php>> Consultado em: 20 abr. 2012.

⁴ <http://www3.ucdb.br/mestrados/index.php?c_mestrado=1> Consultado em: 20 abr. 2012.

história da infância, trabalho e educação, história, educação e gênero, entre outros (p. 291).

No ano de 2000, Arilson Aparecido Martins⁵ defendeu a dissertação, “*O Seminário Episcopal da Conceição (MT): Da Materialidade Física à Proposta Pedagógica 1858-1880*”. O Seminário Episcopal da Conceição foi o primeiro estabelecimento de ensino religioso e secundário de Mato Grosso, instituição essa, que além do ensino secundário ofertava também a formação eclesial. Nesta dissertação, Martins teve o objetivo de traçar o percurso da Igreja Católica na província de Mato Grosso, principalmente no campo da Educação, com destaque para a construção do Seminário Episcopal da Conceição. A referida dissertação torna-se relevante justamente por ter sido um dos primeiros trabalhos acerca da história das instituições escolares em Mato Grosso e por apresentar as primeiras leituras sobre esta temática, bem como pelo fato de ter como foco uma instituição religiosa, o que vai ao encontro do que Nosella e Buffa (2007) assinalam acerca de quais instituições são pesquisadas ou não.

Também no ano de 2000, Elizabeth Figueiredo de Sá Poubel e Silva⁶ defendeu a dissertação, “*Escola Normal de Cuiabá (1910-1960)*”. Na referida dissertação, Silva teve o objetivo de analisar como se deu a formação de professores em Cuiabá. Assim, como o trabalho de Martins (2000), esta pesquisa torna-se importante por iniciar os estudos acerca da história das instituições de ensino em Mato Grosso, com o destaque para as escolas de formação de professores.

No ano de 2001, Maria Inês Zanelli⁷ dissertou sobre “*A criação do Liceu Cuiabano e a Formação dos Intelectuais no Curso de Línguas e Ciências Preparatórias*”, tendo como objeto de estudo, a primeira instituição de ensino secundário de Mato Grosso (Liceu Cuiabano). Zanelli traz à tona a questão das

⁵ MARTINS, Aparecido Arilson. **O Seminário Episcopal da Conceição (MT): Da Materialidade Física à Proposta Pedagógica 1858-1880**. Dissertação (Mestrado em Educação). UFMT, Cuiabá, 2000.

⁶ SILVA, Elizabeth Figueiredo de Sá Poubel. **A Escola Normal de Cuiabá (1910-1960): Contribuições para História da Formação de Professores em Mato Grosso**. Dissertação (Mestrado em Educação). UFMT, Cuiabá, 2000.

⁷ ZANELLI, Maria Inês. **A criação do Liceu Cuiabano e a Formação dos Intelectuais no Curso de Línguas e Ciências Preparatórias**. Dissertação (Mestrado em Educação). UFMT, Cuiabá, 2002.

escolas de ensino secundário existentes no então estado de Mato Grosso, bem como acerca da formação dos alunos dos cursos de Línguas e Ciências Preparatórias.

Ivone Goulart Lopes⁸, no ano de 2002, defendeu a dissertação o “*Asilo Santa Rita de Cuiabá: releitura da práxis educativa feminina católica (1890-1930)*”. Lopes também se dedicou ao estudo do ensino confessional, tendo como foco a prática educativa da Congregação das Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo, das Filhas de Maria Auxiliadora e das Irmãs da Imaculada Conceição. Ao abordar a presença religiosa na educação, a autora faz uma discussão acerca da educação feminina no estado de Mato Grosso.

No ano de 2003, o trabalho de Rosinete Maria dos Reis⁹, intitulado “*O Palácio da instrução: um estudo sobre a institucionalização dos grupos escolares em Mato Grosso (1910-1927)*”, a autora procurou compreender como se deu a criação da primeira escola primária pública e gratuita no estado de Mato Grosso, bem como se deu a criação dos Grupos Escolares no estado. Dentre os trabalhos sobre a história das instituições escolares, a criação e implantação de grupos escolares tornaram-se um tema recorrente, apresentando como se deu a implantação de um dos primeiros modelos de ensino obrigatório do país.

Ainda no ano de 2007, Lindamar Etelvino Santos Soares¹⁰, defendeu a dissertação, “*Escola de Iniciação Agrícola “Gustavo Dutra”: O poder disciplinar no contexto do ensino agrícola de Mato Grosso (1947-1956)*”, cujo objetivo foi tentar entender como se dava o poder disciplinador na referida instituição no período de 1947 a 1956. Esta pesquisa torna-se interessante pelo fato de que a Escola Estadual Dom Bosco também foi criada, inicialmente, como Escola de Iniciação Agrícola e, portanto, ambas tinham o ensino agrícola, com um aspecto em comum, como por exemplo, o currículo a ser trabalhado.

⁸ LOPES, Ivone Goulart. **Asilo Santa Rita de Cuiabá: Releitura da Práxis Educativa Feminina Católica (1890-1930)**. Dissertação (Mestrado em Educação). UFMT, Cuiabá, 2002.

⁹ REIS, Rosinete Maria dos. **O Palácio da instrução: um estudo sobre a institucionalização dos grupos escolares em Mato Grosso (1910-1927)**. Dissertação (Mestrado em Educação).UFMT, Cuiabá, 2003.

¹⁰ SOARES, Lindamar Etelvino Santos. **Escola de Iniciação Agrícola “Gustavo Dutra”: O poder disciplinar no contexto do ensino agrícola de Mato Grosso (1947-1956)**. Dissertação (Mestrado em Educação).UFMT, Cuiabá, 2007.

Em 2009, Eduardo Ferreira da Cunha¹¹ defendeu a dissertação “*Grupo Escolar: Escola Normal e Escola Modelo ‘Palácio da Instrução de Cuiabá’ (1900-1915): Arquitetura e Pedagogia*”. Nesta dissertação, Cunha buscou compreender como o ensino simultâneo foi objetivado na concepção dos espaços ali projetados. Assim como outros trabalhos, este esteve relacionado à história de um Grupo Escolar, mas difere do objeto de estudo desta dissertação, por discutir a questão da arquitetura escolar enquanto uma forma de disciplinarização.

Ao todo foram localizadas 8 dissertações de mestrado, cuja temática de pesquisa estava ligada à história das instituições escolares. Entretanto, percebeu-se que todas as dissertações estavam relacionadas à História da Educação da região que hoje compreende o atual estado de Mato Grosso, mesmo em períodos recuados, pois em nenhuma das dissertações foi notada a menção de como estava a situação educacional na região sul do estado, hoje compreendido pelo estado de Mato Grosso do Sul.

Dando continuidade ao levantamento, os resumos das dissertações defendidas dentro do Programa de Pós-Graduação da UFMS estão disponíveis ao final de cada edição da Revista Intermeio. Os trabalhos localizados e considerados pertinentes à nossa pesquisa seguem abaixo.

Débora Catariana Silva¹² (1996), em sua dissertação sobre “*As tendências na formação de professor do Centro de Formação e aperfeiçoamento do Magistério: um estudo em Corumbá*” analisou o desenvolvimento do CEFAM em Corumbá, entre 1989 e 1993, utilizando-se da análise de entrevistas com professores, alunos e coordenadores pedagógicos, além de documentos fornecidos pelas escolas e pela Agência Regional de Ensino. Neste estudo, Débora Silva mostrou que, ao menos em Corumbá, o projeto CEFAM conseguiu ser bem sucedido, o que possibilitou um enorme

¹¹ CUNHA, Eduardo Ferreira da. **Grupo Escolar: Escola Normal e Escola Modelo “Palácio da Instrução de Cuiabá” (1900-1915): Arquitetura e Pedagogia**. Dissertação (Mestrado em Educação).UFMT, Cuiabá, 2007.

¹² SILVA, Débora Catariana. **As tendências na formação de professor do Centro de Formação e aperfeiçoamento do Magistério: um estudo em Corumbá, Mato Grosso do Sul**. Dissertação (Mestrado em Educação), Campo Grande, UFMS, 1996.

avanço na busca por uma Escola Normal voltada para a formação de professores capacitados para atuarem no Ensino Fundamental.

Em uma temática próxima a de Débora Catariana Silva (1996), Maria José Serra¹³ (1994), em sua dissertação sobre o “*Projeto CEFAM: tentativa de modernização do curso de formação de professores no estado de Mato Grosso do Sul- 1983/1992*” trata da implantação do mesmo na Escola Estadual Joaquim Murtinho, na cidade de Campo Grande. Neste estudo, por meio da análise de documentos fornecidos pela Agência Regional de Ensino e pela escola investigada, pôde perceber que o projeto do CEFAM não se desenvolveu por falta de recursos e de pessoal capacitado. Para a realização desta pesquisa, a autora trabalhou com o período compreendido entre o início do projeto pelo MEC, a sua implantação nos Estados até a conclusão do Magistério dentro dos moldes do projeto (1983-1992).

Cláudia Regina de Brito¹⁴, em 1997, em seu trabalho denominado de “*Escola de Japoneses”: Educação e Etnicidade em Mato Grosso do Sul*”, seu objeto de pesquisa foi a Escola Visconde de Cairu, criada no início do século, por imigrantes japoneses, para atender à própria demanda de escolarização. Em sua investigação sobre a história da instituição, a autora recorreu aos depoimentos dos “pioneiros” e descendentes da colônia de japoneses em Campo Grande. Outros procedimentos utilizados pela autora foram a contextualização histórica dos principais momentos vividos pela escola e a discussão da maneira como os processos de construção da etnicidade permearam a trajetória desse grupo de imigrantes.

Ainda no ano de 1997, José Manfroi¹⁵, defendeu seu trabalho denominado de “*A Missão Salesiana e a Educação*”, no qual o autor analisou a atuação da Missão Salesiana na cidade de Corumbá, com destaque em duas instituições escolares o Colégio Santa Teresa e o Colégio Dom Bosco, no período de 1899 a 1996. Este trabalho torna-se relevante pelo fato de discutir a

¹³ SERRA, Maria José. **Projeto CEFAM: tentativa de modernização do curso de formação de professores em Mato Grosso do Sul- 1983/1992**. Dissertação (Mestrado em Educação), Campo Grande, UFMS, 1994.

¹⁴ BRITO, Cláudia Regina de. “**Escola de Japoneses**”: Educação e Etnicidade em Mato Grosso do Sul. UFMS, Dissertação (Mestrado em Educação).UFMS, Campo Grande, 1997

¹⁵ MANFROI, José. **A Missão Salesiana e a Educação**. Dissertação (Mestrado em Educação).UFMS, Campo Grande,1997.

presença da Missão Salesiana na educação na região hoje compreendida pelo estado de Mato Grosso do Sul, o que nos leva a pensar por quais motivos os Salesianos vieram para a região de Dourados décadas depois de se instalarem em Corumbá.

Carla Busato Zandavalli Maluf de Araújo¹⁶, também no ano de 1997, defendeu a dissertação denominada de “*O Ensino de Didática na década de trinta, no Sul de Mato Grosso: Ordem e Controle?*”, momento em que a autora procurou apresentar uma reconstrução da história da disciplina de Didática no sul de Mato Grosso, mais precisamente na década de 1930, dentro das seguintes instituições; Escolas Normais Dom Bosco e Joaquim Murinho. Apesar de ter como foco a questão da disciplina de Didática, este trabalho trouxe algumas questões acerca do ensino em duas instituições escolares, uma privada e confessional e outra pública e laica.

No ano de 2005, Maria Fernandes Adimari¹⁷ em “*Escola e cidade: os sentidos dos espaços no Maria Constança. Campo Grande/MS (1954-2004)*” em que teve como objeto de pesquisa a Escola Estadual Maria Constança e o modo pelo qual a mesma foi construída em 1954. Em sua dissertação, Adimari discute a relação da Escola Maria Constança de Barros com a comunidade de seu entorno. O prédio da referida Escola foi projetado por Oscar Niemeyer e tornou-se um espaço de referência para a cidade de Campo Grande.

Também em 2005, Arnaldo Romero¹⁸, em uma outra perspectiva de estudo sobre a história das instituições escolares. Romero, em sua dissertação denominada “*O lugar dos Bacharéis: história da criação da Faculdade de Direito de Campo Grande - FADIR, Campo Grande/MT 1965-1970*” mostrou que não são apenas as instituições escolares de Educação Básica que merecem ser pesquisadas, faz-se necessário estudar outras instituições, como por exemplo, as de nível superior, como no caso a Faculdade de Direito da

¹⁶ ARAUJO, Carla Busato Zandavalli Maluf de Araújo. **O Ensino de Didática na década de trinta, no Sul de Mato Grosso: Ordem e Controle?**, Dissertação (Mestrado em Educação), UFMS, Campo Grande, 1997

¹⁷ ADIMARI, Maria Fernandes. **Escola e cidade: os sentidos dos espaços no Maria Constança. Campo Grande/MS (1954-2004)**. UFMS, Campo Grande, 2005.

¹⁸ ROMERO, Arnaldo. **O lugar dos Bacharéis: história da criação da Faculdade de Direito de Campo Grande-FADIR, Campo Grande/MT 1965-1970**. Dissertação (Mestrado em Educação). UFMS, Campo Grande, 2005.

cidade de Campo Grande, uma das primeiras instituições da área a ser criada no então estado de Mato Grosso. Em seu estudo, Romero (2005) procurou analisar a presença da Igreja Católica na educação, com destaque para as instituições educacionais particulares criadas pela mesma e principalmente a atuação da Missão Salesiana no Ensino Superior em Campo Grande/MT.

Horácio dos Santos Braga¹⁹, também no ano de 2005, em sua dissertação intitulada “*O ensino de Latim na Escola Maria Constança Barros Machado como reflexo da História da disciplina no Brasil (1939-1971)*”, cujo foco foi a questão da disciplina de Latim no interior da Escola Maria Constança Barros Machado no período de 1939 a 1971. Neste estudo, Braga (2005) tendo como base a cultura escolar e a História das Disciplinas Escolares, procurou analisar como se deu a organização e o ensino da disciplina de Latim na Escola Maria Constança Barros Machado.

No ano de 2007, Adriana Rocha²⁰, em sua dissertação “*Por uma história do currículo no/do Colégio Maria Constança na década de 1960: cultura docente, práticas e materiais curriculares*”, também focada na Escola Maria Constança, diferentemente do trabalho de Horácio Braga, analisou o currículo escolar do Colégio Maria Constança de Barros na década de 1960, a partir listas de livros adquiridos pela biblioteca da instituição.

Em 2009, ainda tendo como foco a questão das disciplinas escolares no interior de instituições educacionais, há o trabalho de Stella Sanches de Oliveira²¹ “*A História da Disciplina Escolar Francês no Colégio Estadual Campo-Grandense (1942-1962)*”, cujo objetivo foi estudar a referida disciplina no Colégio Estadual Campo-Grandense. Assim como Braga (2005), Oliveira (2009), também norteou seu trabalho com base na cultura escolar e na História das Disciplinas Escolares para analisar o currículo da disciplina de Frances,

¹⁹ BRAGA, Horácio dos Santos. **O ensino de Latim na Escola Maria Constança Barros Machado como reflexo da História da disciplina no Brasil (1939-1971)**. Dissertação (Mestrado em Educação). UFMS, Campo Grande, 2005.

²⁰ ROCHA, Adriana Alves de Lima. **Por uma história do currículo no/do Colégio Maria Constança na década de 1960: cultura docente, práticas e materiais curriculares**. Campo Grande: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2007. Dissertação (Mestrado em Educação), 2007.

²¹ OLIVEIRA, Stella Sanches de. **A História da Disciplina Escolar Francês no Colégio Estadual Campo-Grandense (1942-1962)**. Dissertação (Mestrado em Educação). UFMS, Campo Grande, 2009.

bem como o modo pelo qual a mesma era ministrada no Colégio Estadual Campo-Grandense.

Crislei Aparecida Alves de Almeida²², também em 2009, trabalhou com uma vertente ainda mais específica acerca da história das instituições educacionais, em seu trabalho “*ESTUDOS SOBRE ESCOLA: tempos e espaços na Escola Maria Constança Barros Machado*”, por meio de plantas baixas e documentos, a autora apresentou como o espaço da escola foi pensando e construído, tendo como referencial a cultura escolar e procurando perceber como as relações sociais de davam no interior da instituição escolar.

No ano de 2010, Renata de Oliveira França²³ defendeu a dissertação “*O Educandário Getúlio Vargas: a trajetória de uma instituição educacional filantrópica em Campo Grande/MS (1943-1992)*”. A autora, com base nas questões da história das instituições escolares, difere este trabalho dos demais por ter como foco uma instituição muito específica, criada para atender os filhos dos portadores de Hanseníase, que funcionava dentro de um hospital.

Ao todo foi possível localizar junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso, 12 dissertações ligadas diretamente ou indiretamente à pesquisa sobre a história das instituições escolares, pois em alguns trabalhos a questão da cultura escolar e História das Disciplinas Escolares figuraram como objeto central da pesquisa.

Como pode ser perceber, as dissertações defendidas junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UFMS, tiveram como foco, a região sul do Antigo Mato Grosso, (Atual Mato Grosso do Sul), diferentemente das dissertações defendidas no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso, que se voltaram aos estudos das instituições escolares sobre a parte norte do Estado.

²² ALMEIDA, Crislei Aparecida Alves de. **ESTUDOS SOBRE ESCOLA: tempos e espaços na Escola Maria Constança Barros Machado**. Dissertação (Mestrado em Educação). UFMS, Campo Grande, 2009.

²³ FERREIRA, Renata de Oliveira França. **O Educandário Getúlio Vargas: a trajetória de uma instituição educacional filantrópica em Campo Grande/MS (1943-1992)**. Dissertação (Mestrado em Educação). UFMS, Campo Grande, 2010.

Dando continuidade a este levantamento, no Programa de Pós-Graduação em Educação da UCDB (Universidade Católica Dom Bosco), pode-se perceber que a maioria das dissertações estão voltadas para a questão indígena e políticas públicas de educação. Nesse sentido, conseguimos localizar duas dissertações cujo foco foi a história das instituições escolares.

Izabel Cristina Silva Souza²⁴, em sua dissertação sobre o “*Colégio Estadual, a Professora Maria Constança e o Curso Colegial na década de 50, em Campo Grande*” investigou o processo de criação e instalação do primeiro curso secundário de caráter público, na cidade de Campo Grande. Porém, a referida dissertação não se pautou apenas na história da escola, e sim, na história de um curso ofertado pela instituição o curso Colegial.

Já no ano de 2009, Arlene da Silva Gonçalves²⁵ defendeu a dissertação “*Os Grupos Escolares no estado de Mato Grosso como expressão da política pública educacional: o Grupo Escolar Joaquim Murtinho, em Campo Grande, sul do estado (1910 – 1950)*”, cujo objetivo foi o de analisar o processo de criação e organização dos grupos escolares, como parte das políticas públicas educacionais no período compreendido entre as décadas de 1910 a 1950, no sul do Estado de Mato Grosso (atual estado de Mato Grosso do Sul - MS), em especial no município de Campo Grande (capital do estado de MS), particularmente, o Grupo Escolar Joaquim Murtinho, primeiro grupo escolar implantado no sul do estado, no referido município.

Também foi realizado um levantamento das dissertações defendidas junto aos Programas de Pós-Graduação da Universidade Federal da Grande Dourados, pois, além dos trabalhos defendidos no Programa de Pós-Graduação em Educação, foi possível localizar algumas dissertações sido defendidas no Programa de Pós-Graduação em História.

²⁴ SOUZA, Izabel Cristina Silva. **Colégio Estadual, a Professora Maria Constança e o Curso Colegial na década de 50, em Campo Grande**. Dissertação (Mestrado em Educação), UCDB, Campo Grande, 1998.

²⁵ GONÇALVES, Arlene da Silva. **Os Grupos Escolares no estado de Mato Grosso como expressão da política pública educacional: o Grupo Escolar Joaquim Murtinho, em Campo Grande, sul do estado (1910 – 1950)**. Dissertação (Mestrado em Educação), UCDB, Campo Grande, 2009.

No ano de 2007, Irene Quaresma Azevedo²⁶, defendeu a dissertação no Programa de Pós-Graduação em História, intitulada “*O ensino de História nas escolas públicas de Dourados, no período de 1971 a 2002: o caso da Escola Estadual Presidente Vargas*”. Nesta dissertação, a autora procurou apresentar como a disciplina de História foi trabalhada na *Escola Estadual Presidente Vargas, no período de 1971 a 2002. Para tanto, a autora se baseou nos estudos acerca da cultura escolar, história das instituições escolares e história das disciplinas escolares.*

No Programa de Pós-Graduação em Educação, no ano de 2011, Adriane Cristine Silva²⁷ defendeu a dissertação “*Grupo Escolar Esperidião Marques: uma contribuição para os estudos das instituições escolares em Mato Grosso 1910-1947*”. Nesta dissertação, a autora buscou reconstruir a história do Grupo Escolar Esperidião Marques, localizado na cidade de Cáceres/MT, no período de 1910 a 1947. Recorrendo a cultura escolar para analisar como se deu a criação desta escola na cidade de Cáceres/MT. A referida dissertação difere das demais que foram localizadas no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFGD, pelo fato de estudar uma instituição escolar que não está localizada na região do atual Mato Grosso do Sul, bem como pelo fato de que a instituição estudada localiza-se em uma região de fronteira, entre Brasil e Bolívia.

Também no ano de 2011, Márcio Bogaz Trevizan²⁸, em seu trabalho “*Grupo Escolar Mendes Gonçalves: vicissitudes no processo de escolarização republicana na fronteira Brasil-Paraguai (1889 – 1931)*”. Neste trabalho, o autor pesquisou sobre a implantação dos grupos escolares no Sul do Mato Grosso *uno*. Esta instituição tem como característica marcante, assim como a

²⁶ AZEVEDO, Irene Quaresma. **O ensino de História nas escolas públicas de Dourados, no período de 1971 a 2002: o caso da Escola Estadual Presidente Vargas.** Dissertação (Mestrado em História), UFGD, Dourados, 1997.

²⁷ SILVA, Adriane Cristine. **Grupo Escolar Esperidião Marques: uma contribuição para os estudos das instituições escolares em Mato Grosso 1910-1947.** Dissertação (Mestrado em Educação), UFGD, Dourados, 2011.

²⁸ TREVIZAN, Márcio Bogaz. **Grupo Escolar Mendes Gonçalves: vicissitudes no processo de escolarização republicana na fronteira Brasil-paraguai (1889 – 1931).** Dissertação (Mestrado em Educação), UFGD, Dourados, 2011.

dissertação de Adriane Silva (2011), o fato de estar localizado em uma área de fronteira (Brasil – Paraguai).

Juliana da Silva Monteiro²⁹, também no ano de 2011, defendeu a dissertação “*Cultura Escolar: a institucionalização do ensino primário no sul do antigo Mato Grosso, o Grupo Escolar Tenente Aviador Antônio João em Caarapó/MS (1950 – 1974)*”. Nesta dissertação, o foco esteve alicerçado na cultura escolar, no sentido de analisar como se deu a implantação e criação dos grupos escolares no sul do Mato Grosso *uno*.

Por fim, temos a dissertação de Lincoln Christian Fernandes³⁰ (2011), denominada “*Novas Tecnologias da Informação e Comunicação e a História da Educação: um estudo de caso sobre história e memória de instituições escolares*”. Nesta dissertação, Fernandes teve como foco a história da Escola Estadual Antonia da Silveira Capilé, no entanto, o autor não se ateve apenas a análise documental, pois adotou uma dimensão multidisciplinar, associando História da Educação e Novas Tecnologias da Informação e Comunicação. Fernandes utilizou a História Oral e a Intervenção Sociológica para construir sua pesquisa, cujo resultado foi a construção por parte dos próprios alunos da instituição de um banco de dados com registros históricos da Escola Estadual Antonia da Silveira Capilé.

Neste levantamento, foi possível perceber que pesquisas voltadas para a História das Instituições Escolares ainda é um tema recente nos PPGes de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Constatamos, também, conforme apontando por Nosella e Buffa, que boa parte das dissertações optou por escrever a história de instituições consideradas como históricas ou pioneiras, como é caso do Ginásio Cuiabano; Ginásio Campo-grandense; Escola Maria Constança; Escola Maria Auxiliadora; Escola Joaquim Murtinho, entre outras.

²⁹ MONTEIRO, Juliana Silva. **Cultura Escolar**: a institucionalização do ensino primário no sul do antigo Mato Grosso, o Grupo Escolar Tenente Aviador Antônio João em Caarapó/MS (1950 – 1974). Dissertação (Mestrado em Educação), UFGD, Dourados, 2011.

³⁰FERNANDES, Lincoln Christian. **Novas Tecnologias da Informação e Comunicação e a História da Educação**: um estudo de caso sobre história e memória de instituições escolares. Dissertação (Mestrado em Educação), UFGD, Dourados, 2011.

Desse modo, instituições escolares voltadas para a formação para o trabalho ou para as classes mais baixas da sociedade não estavam entre as dissertações localizadas.

Por fim, foi elaborada uma tabela com base no levantamento bibliográfico realizado nos sites dos Programas de Pós-Graduação da UFMT; UFMS; UCDB e UFGD, acerca da temática história das instituições escolar.

TABELA 1: Lista de dissertações produzidas em Programas de Pós-Graduação acerca da temática História das Instituições Escolares.

INSTITUIÇÃO	DISSERTAÇÃO
UFMT (Universidade Federal de Mato Grosso)	8
UFMS (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul)	12
UFGD* (Universidade Federal da Grande Dourados)	5
UCDB (Universidade Católica Dom Bosco)	2
TOTAL	27

Fonte: Tabela elaborada pela autora com base no levantamento bibliográfico realizado nos sites dos Programas de Pós-Graduação da UFMT; UFMS; UCDB e UFGD.

*Aqui estão inseridos os trabalhos do Programa de Pós-Graduação em História e o Programa de Pós-Graduação em Educação.

Conforme os dados da Tabela 1 foram localizados ao todo 27 dissertações, cujo tema foi a história das instituições escolares. Entretanto, isso não significou que apenas a história da escola tenha sido o foco central, muitas recorreram às instituições escolares para analisar, por exemplo, a história das disciplinas escolares, a história do currículo das instituições de ensino, entre outros aspectos.

Com base neste levantamento, pode-se constatar que a temática de história das instituições escolares normalmente está associada a outras temáticas, como por exemplo, a História das Disciplinas Escolares, História da Arquitetura Escolar, dentre outros. Ainda foi possível verificar que há dissertações que tem o propósito de investigar as políticas educacionais que foram adotadas pelo antigo Mato Grosso uno e, como isso influenciou na educação do estado.

Esta revisão da literatura permitiu constatar que estudos sobre a temática história das instituições escolares estão crescendo, entretanto, nota-

se que apenas determinadas escolas são pesquisadas, no caso, escolas consideradas pioneiras na oferta do ensino, escolas confessionais e escolas normais.

Nesse sentido, esta dissertação que tem como propósito, trazer à luz a história de uma instituição escolar que se comparada com outras instituições de ensino pesquisadas, difere por tratar-se de uma escola criada, inicialmente como Colégio Agrícola e que está localizada na zona rural de um Distrito pertencente ao Município Dourados/MS. Além de sua localização, área rural de um distrito, o processo pelo qual foi criada, sua clientela, é um diferencial que faz com que esta escola também deva ser pesquisada.

Esta dissertação torna-se relevante pelo fato de que trabalhará com a história de uma instituição escolar que de certo modo foge dos padrões quando comparada com outras instituições que já foram pesquisadas em Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.

Por meio deste mapeamento, pode-se perceber que os trabalhos utilizaram-se da cultura escolar visando nortear as referidas pesquisas, entretanto, esta dissertação, apesar de também recorrer à cultura escolar, utilizará como fontes de pesquisa, o acervo fotográfico da instituição escolar.

CAP II

A ESCOLA ESTADUAL DOM BOSCO: CONTEXTUALIZANDO A SUA HISTORIA

No primeiro capítulo vimos um pouco sobre a História das Instituições Escolares no sentido de apresentar a importância de pesquisas acerca desta temática.

Tratou-se também acerca da cultura escolar enquanto uma categoria de análise, e de que modo ela poderá ser utilizada em pesquisas cujo foco seja a História das Instituições Escolares.

Apresentou-se ainda um levantamento de dissertações de mestrado cuja temática tenha sido a História das Instituições Escolares, e, conforme verificamos boa parte dos estudos tomou como objeto, escolas consideradas pioneiras, como os primeiros Grupos Escolares, escolas confessionais, Escolas Secundárias, Ginásios e Escola Normal.

Esta pesquisa teve como foco ir ao encontro desta perspectiva, ao optar por trabalhar com uma instituição que foi criada visando à capacitação para o trato agrícola e tendo como demanda, os filhos de colonos rurais carentes residentes na CAND.

Localizada na área rural do distrito de Indápolis/MS, a Escola Estadual Dom Bosco atende atualmente cerca de 800 alunos em dois turnos, matutino e noturno. Boa parte dos estudantes atendidos pela instituição é oriunda da zona

rural, no período matutino, por exemplo, são cerca de 10 ônibus escolares que trazem e levam os estudantes.

No período matutino a escola oferece as séries finais do Ensino Fundamental (6° ao 9° ano) e as três séries do Ensino Médio (1° ao 3° ano). No período noturno, além do Ensino Médio, há algumas turmas de EJA do Ensino Fundamental.

Construída com o objetivo de formar os jovens para o trabalho no campo, de modo a impulsionar e melhorar a produção dos colonos residentes na Colônia Agrícola, dentro dos moldes da Igreja Católica, a escola teve vida curta enquanto Colégio Agrícola Dom Bosco. Em menos de dez anos de funcionamento, a instituição passou para as mãos do Estado, que, por conseguinte, alterou seu funcionamento e principalmente, seus objetivos iniciais. Entretanto, percebe-se que seu público permanece o mesmo, ou seja, filhos de colonos e produtores rurais.

Na imagem abaixo (Imagem 1, p.41), podemos ver a localização da Escola Dom Bosco e da Escola Estadual São José, ambas localizadas no distrito de Indápolis, no primeiro quadrado identificado com a letra “A”, está a EE Dom Bosco, e no segundo quadrado com a letra “B” está a EE São José.

O distrito de Indápolis está distante 18,9 Km da área central de Dourados/MS, enquanto que a EE Dom Bosco está distante 19,7 Km. O acesso tanto ao distrito, quanto á escola se dá pela BR-163 e pela BR-376.

De acordo com o senso do IBGE³¹, referente ao ano de 2010, a população do município de Dourados era em torno de 196.035 pessoas. Entretanto não foi possível identificar a quantidade populacional do distrito de Indápolis.

IMAGEM 1: Vista aérea da EE Dom Bosco e da EE São José no Distrito de Indápolis/MS.

³¹ Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>> Consultado em 13 julho 2012.



LEGENDA: as duas escolas estão localizadas me quadrados pretos denominados de pontos “A” e “B”, entre as duas instituições escolares está a área urbana do distrito de Indápolis, sendo que a EE Dom Bosco está localizada na MS-276, enquanto que a EE São José está localizada na rua São Vicente de Paula.

FONTE: Imagem disponibilizada pelo Google earth, consulta realizada no dia 13 julho 2012.

O distrito de Indápolis foi criado pela Lei Estadual³² n°2102 de 20 de dezembro de 1963, denominada inicialmente de Serraria, devido ao fato de naquela localidade estar grande parte das serrarias existentes na Colônia Agrícola Nacional de Dourados (CAND). No ano de 1983, por meio da Lei Estadual n°387, o referido distrito passou a adotar o nome atual de Indápolis.

Ao olhar a localização da escola em relação ao distrito, percebe-se que a mesma está afastada da área urbana, há um vazio entre os dois que foi preenchido pelas terras utilizadas na agricultura, com destaque para a plantação de soja e milho.

De certa forma a EE Dom Bosco continua com o seu status de escola agrícola, seja devido à boa parte de sua clientela, seja devido a sua localização.

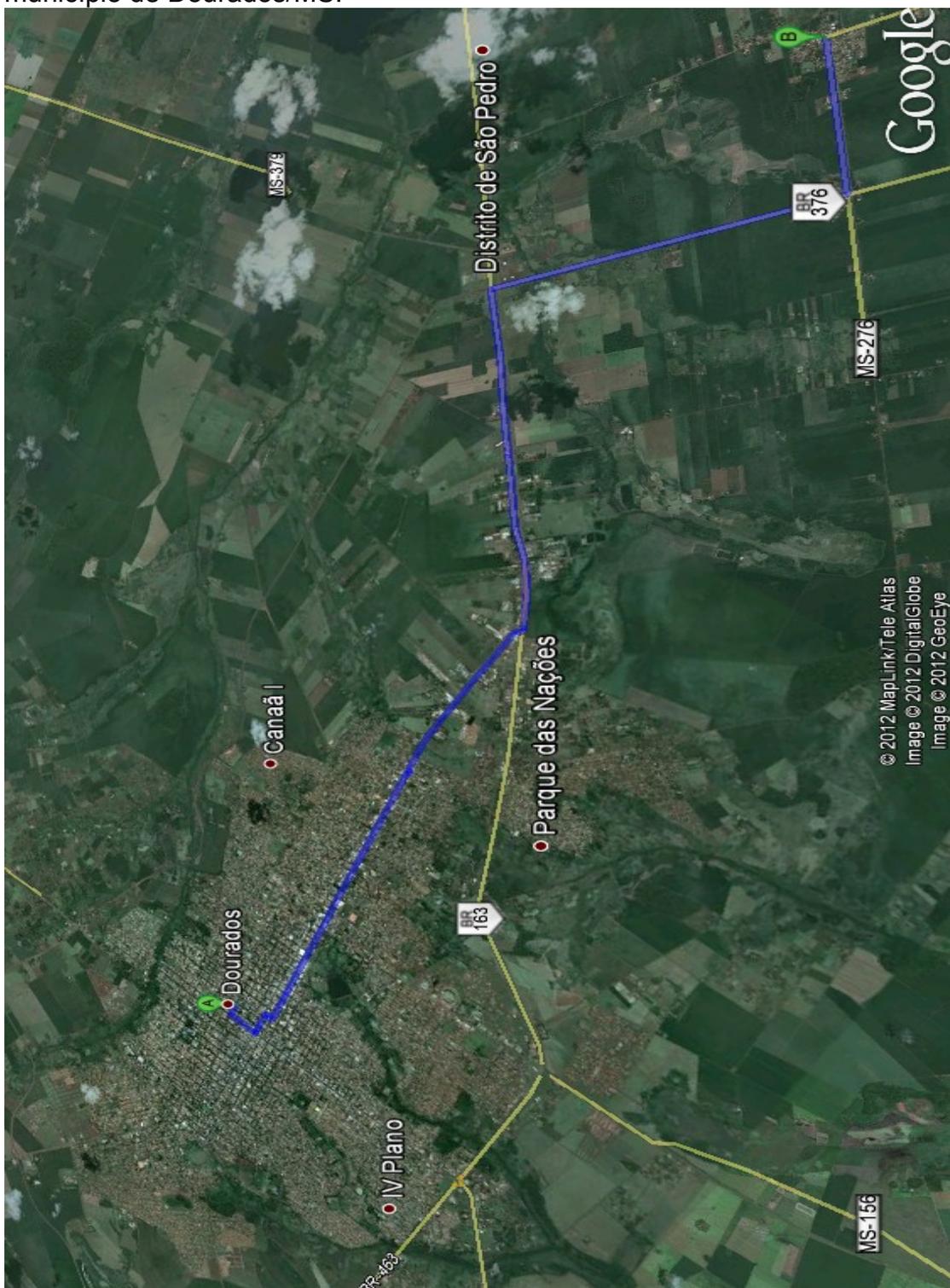
No distrito de Indápolis, há duas escolas estaduais, que conforme dados da Secretaria de Estado de Educação³³ (SED), ambas são consideradas escolas rurais, sendo que a EE São José, localizada na área mais urbana no distrito atende apenas o Ensino Fundamental, enquanto que a EE Dom Bosco, que está mais distante da área urbana do distrito atende às séries finais do Ensino Fundamental, as três séries do Ensino Médio e a Educação de Jovens e Adultos tanto de Nível Fundamental, quanto de Nível Médio.

Sabendo que o foco desta pesquisa é o acervo fotográfico da Escola Estadual Dom Bosco, em um primeiro momento, será discutido sobre a fotografia enquanto fonte de pesquisa para a História da Educação, a seguir será apresentado a história da escola e por fim, a análise do acervo fotográfico da referida instituição escolar, buscando perceber as chamadas práticas escolares, e como se dava a transmissão de determinados saberes.

³² As informações acerca das Leis Estaduais de criação e de alteração nominal do distrito de Indápolis estão disponíveis no site: < <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Consultado em 13 julho 2012.

³³ Informações Disponíveis no site: < <http://www.sed.ms.gov.br/index.php?inside=1&tp=3&comp=776&show=2121>>. Consultado em 13 julho 2012.

IMAGEM 2: Mapa de localização do distrito de Indápolis em relação ao município de Dourados/MS.



LEGENDA: No ponto “A” está a região central do município de Dourados, enquanto que no ponto “B” está o distrito de Indápolis, em azul está o caminho que pode ser percorrido entre os dois pontos. Pode-se ver ainda o nome de alguns bairros de Dourados, bem como o nome de estradas e BR em torno da região.

FONTE: Imagem disponibilizada pelo Google earth, consulta realizada no dia 13 julho 2012.

Na imagem da página anterior (Imagem 2, p.43) podemos ver a distância e a localização do distrito de Indápolis em relação ao município de Dourados. São cerca de 20 minutos entre o centro urbano de Dourados e a área urbana do distrito.

Sinalizado pela letra “A” está o centro urbano de Dourados, enquanto que na outra extremidade, com a letra “B” está o distrito de Indápolis, a rota apresentada, de cor azul, leva em torno de 25 minutos e passa em frente da EE Dom Bosco.

2.1 – TRAJETÓRIA HISTÓRICA DA ESCOLA ESTADUAL DOM BOSCO

2.1.1 – Contextualização da região da Grande Dourados, a partir da década de 1930.

Durante as décadas de 1930 e 1940, o Governo Federal criou a campanha da “Marcha para Oeste”, onde o objetivo era a ocupação dos chamados “espaços vazios”, por meio de uma colonização dirigida (PONCIANO, 2006).

Na região Centro–Oeste, mais especificamente na região compreendida pelo então Estado de Mato Grosso, havia ainda outro fator que preocupava o Governo Federal, a presença da Companhia Matte Laranjeira, que explorava a erva-mate nativa, mas que utilizava a mão de obra paraguaia e indígena, bem como possuía recursos financeiros oriundos da Argentina, mas que funcionava em terras brasileiras.

Nilton Ponciano (2006), afirma que a presença dessa Companhia, era vista como um entrave para a migração de brasileiros que estavam em busca da posse de terras.

Considerando então estes fatores, e tendo como foco, não só o povoamento destas regiões, mas também a questão da preservação das fronteiras, é que dentro da política da Marcha para Oeste no ano de 1943, por

meio do Decreto-Lei nº 5812/43³⁴, é criado o Território Federal de Ponta Porã, que compreendiam os municípios de Porto Murtinho, Miranda, Nioaque, Bela Vista, Ponta Porã, Dourados, Maracaju e Bonito.

A capital do Território Federal era a cidade de Ponta Porã, entretanto, o mesmo teve vida curta, sendo extinto em 1946.

Convém salientar que a criação do Território Federal de Ponta Porã por Vargas fazia parte da política econômica do Estado Novo, uma vez que, com esta medida, procurava-se combater a velha política do banditismo na fronteira meridional de Mato Grosso e apertar o cerco em torno da Cia. Matte-Larangeira, colocando o território de exploração da erva-mate sob os cuidados da fiscalização federal. (PONCIANO, 2006, p. 78).

A política da Marcha para Oeste não ocorreu somente na região sul de Mato Grosso, esta foi desencadeada em regiões como a Amazônia, Goiás e região norte e sul de Mato Grosso.

Nesse sentido, após a criação do Território Federal de Ponta Porã, e dando continuidade a ideia de expansão e de povoamento destes espaços vazios, o Governo Federal criou por meio do Decreto-Lei nº 3059/41 as Colônias Federais, sendo que a Colônia Agrícola Nacional de Dourados foi criada pelo Decreto-Lei nº 5941/43³⁵

Menezes e Queiroz (2008) apontam para a política de “nacionalização das fronteiras”, como sendo uma das justificativas para a criação da Colônia Agrícola no sul do antigo Mato Grosso,

A criação da CAND, numa área anteriormente ocupada pela Companhia, fazia parte também dessa estratégia. Dentro da mesma política de nacionalização das fronteiras, o governo Vargas, entre outras coisas, providenciou a construção de um ramal da estrada de ferro Noroeste do Brasil (NOB). Essa

³⁴ Decreto-lei nº 5.812, de 13 de setembro de 1943. São criados, com partes desmembradas dos Estados do Pará, do Amazonas, de Mato Grosso, do Paraná e de Santa Catarina, os Territórios Federais do Amapá, do Rio Branco, do Guaporé, de Ponta Porã e do Iguassú. Disponível: <<http://www.jusbrasil.com.br/legislacao/126642/decreto-lei-5812-43>>. Consultado em 01 julho 2012.

³⁵ Decreto-Lei nº 5941/43: Cria a Colônia Agrícola Nacional "Dourados", no Território Federal de Ponta Porã, e dá outras providências. Disponível em <<http://www.lexml.gov.br/urn/urn:lex:br:federal:decreto.lei:1943-10-28:5941>>. Consultado em 01 julho 2012.

ferrovia já possuía um trecho, inaugurado em 1914, ligando Bauru (SP) às margens do rio Paraguai. A partir de fins da década de 1930, começou a ser construído o chamado “ramal de Ponta Porã”, dirigido à fronteira com o Paraguai. (MENEZES, QUEIROZ, 2008, p.03).

Vale ressaltar que o Decreto-Lei de criação das Colônias Agrícolas, garantia ainda,

Uma residência ao migrante e sua família; semente e material agrário para o cultivo; no primeiro ano de plantio empréstimos de máquinas, instrumentos agrícolas e animais de trabalho; educação agrícola aos filhos dos camponeses; postos de monta com reprodutores selecionados para a qualidade do rebanho que viria a se formar; assistência médica e farmacêutica; e, finalmente, cooperativa para produção e venda dos bens produzidos. (PONCIANO, 2006, p.90).

Assim, como os demais autores, Naglis (2007) também concordou com a ideia de que a CAND foi criada como sendo parte de um projeto maior de “nacionalização das fronteiras”. Entretanto a autora chama a atenção para um fator interessante, a questão da demora da demarcação e autorização para a criação da Colônia no estado de Mato Grosso³⁶.

De acordo com Naglis, o governo do estado, na época Mato Grosso, era contra a concessão de terras no sul do estado para a criação da Colônia. Questões como, uma possível divisão do estado, bem como disputas de cunho político impediam que essa concessão fosse autorizada.

Devido a essa recusa do governo estadual em ceder às terras, houve uma série de abaixo-assinados, por parte das elites locais de Dourados e região, encaminhadas ao governo federal solicitando e apontando a necessidade da criação da referida Colônia.

Recorrendo a algumas obras de autores considerados memorialistas³⁷ (SANTOS, 2000 e LIMA, 1982), Naglis (2007) assinalou que a CAND é vista

³⁶ É preciso deixar claro, que quando houve a criação do Território Federal de Ponta Porã e depois da CAND, este território ainda pertencia ao Estado de Mato Grosso, é somente na década de 1970, mais precisamente no ano de 1977 com a divisão do estado e consequentemente a criação do estado de Mato Grosso do Sul, região antes compreendida como Sul de Mato Grosso passou a fazer parte do novo estado.

³⁷ LIMA, Alexandrino. **Glória de Dourados: datas e fatos**. [Glória de Dourados]: [s.n.], [1982].; SANTOS, Vivência Deusdete. **A contribuição da Colônia Agrícola Nacional de Dourados –**

como sendo uma das molas propulsoras do desenvolvimento da região da Grande Dourados, entretanto, este desenvolvimento deveu-se também, a constante migração que ocorreu após a segunda metade da década de 1940 e primeira metade da década de 1950.

Conforme foi dito anteriormente, a Colônia Agrícola estava ligada a política de nacionalização das fronteiras, de modo que a colonização de terras até então consideradas despovoadas era um de seus princípios, desse modo, quando da criação da CAND, uma das justificativas era a de que estas eram terras devolutas e que, portanto necessitavam ser povoado o mais rápido possível.

É nesse sentido - que seu povoamento dar-se-á por meio da migração e da imigração. Sobre essa questão, utilizando como referencia a obra de Naglis (2007), ao discorrer que,

Sobre os colonos, tanto as obras acadêmicas como as escritas pelos memorialistas são unânimes em mencionar os colonos na condição de migrantes ou de nordestinos. "(...) atraiu-se gente de quase todos os quadrantes, principalmente nordestinos, em busca de realizar o sonho de adquirir um pedaço de terra (...)" (SANTOS G., 2000, p.27). (...) Ponciano também escreve que: "eram migrantes procedentes sobretudo do Nordeste brasileiro (...)" (2002, p.140). Já Lima, enfatiza que vieram: "(...) famílias dos Estados de São Paulo, Paraná e, principalmente dos Estados do Norte e Nordeste deste País (...)" (1982, p.11). (NAGLIS, 2007, p.37).

De fato, logo nos primeiros anos, de criação da CAND a população residente na região da Grande Dourados, girava em torno de 30 á 40 mil pessoas, e em menos de dez anos, essa população quadruplicou, chegando a uma média de até 200 mil habitantes.

Sobre essa questão da crescente migração, Santos (2007), pontuou que o modelo adotado para a criação da CAND, possibilitou a aquisição de terras gratuitas, e com isso, atraiu pessoas cuja bagagem se resumiu em

“algumas panelas, as tralhas da cozinha (...), dinheiro muito pouco, era o que tinha que dá até para um bom tempo, até que as coisas se ajeitassem” (p. 26).

Como a distancia até o centro urbano de Dourados, era grande, não havia estradas boas o suficiente, e grande parte do trajeto deveriam ser feito a pé, a cavalo ou em carroça, tornou-se necessário pensar em como prover as necessidades dos colonos, sem que os mesmos precisassem se deslocar até Dourados.

É nesse sentido que se iniciarão, dentro da Colônia, pedidos e solicitações para a criação de hospitais e escolas de modo a atender a demanda e as necessidades dos colonos.

Um dos resultados posteriores desse aumento populacional, será a criação de municípios dentro da região compreendida pela CAND, são eles: Fátima do Sul, Glória de Dourados, Jateí, Deodópolis, Angélica, Douradina e Vicentina. Houve ainda a criação de alguns distritos que pertencem ao município de Dourados, como Indápolis, Vila São Pedro, Vila Vargas, Panambi.

Devido a esse crescente número de moradores dentro da colônia, que apesar de pertencer a Dourados, possui uma legislação interna própria, houve a necessidade de que mais profissionais viessem para a região, como médicos, farmacêuticos, comerciantes, vendedores, e, o mais importante, professores que pudessem auxiliar no desenvolvimento da CAND.

Juntamente com os colonos, vieram para a CAND, algumas comunidades religiosas³⁸, a maioria católica, dentre elas, podemos destacar os palatinos, franciscanos e salesianos. Claudete Santos (2007), afirmou que a partir da década de 1940, houve um esforço maior por parte da Igreja Católica, no sentido de expandir e estruturar seus trabalhos, na região da grande Dourados, mas com foco voltado para a CAND.

³⁸ Sobre essas comunidades religiosas, há o destaque para Ordem dos Franciscanos, fundada por São Francisco de Assis e que já atuavam na cidade de Dourados desde o início da década de 1940, com escolas e cuidando da Igreja Central. A seguir temos os Padres Palotinos, denominada de Sociedade do Apostolado Católico, fundada em 1835, pelo Padre Vicente Pallotti, quando vieram para a região de Dourados, dedicaram-se exclusivamente aos trabalhos dentro da CAND. Por fim, há a Congregação dos Salesianos, última comunidade religiosa a se mudar para dentro da Colônia Agrícola, seus trabalhos também estavam focados para o atendimento dos colonos da CAND.

De acordo com Claudete Santos, no ano de 1941 os franciscanos iniciaram seus trabalhos em Dourados, voltados inicialmente para o atendimento indígena, sendo somente na década de 1950 que estes começaram a atender a população de colonos.

A partir de 1954, os palotinos também iniciaram seus trabalhos junto aos colonos, onde deu preferência para o atendimento dos colonos que residiam na 2ª zona, ou seja, aos colonos que estavam localizados depois do rio Dourados.

Nesse sentido, quando os salesianos vieram para a CAND na década de 1950, estes ficaram responsáveis pelos colonos assentados na 1ª zona, ou seja, que viviam na região da sede da Colônia, englobando os atuais distritos de Vila São Pedro e Indápolis.

As ações católicas mobilizadas pelos salesianos, além da criação de novas capelas que se situavam em áreas rurais e vilarejos vizinhos, também visaram a educação. O projeto de construção de uma escola agrícola foi anunciado assim que os padres chegaram ao local, Para realizar o projeto receberam um lote de terras cedido pela administração da Colônia. (SANTOS, 2008, p. 52 -53)

Durante a década de 1950 era comum encontrar em jornais da região como o Jornal O Progresso artigos do Padre André Capelli e o Padre José Daniel no qual os dois defendem a ideia de que o futuro do país está na preparação dos jovens para o trato agrícola.

Em artigo do jornal O Progresso de 1957, intitulado “O que a Colônia mais necessita para melhorar sua situação” o Padre José Daniel afirma que é somente por meio da união entre os agricultores e através de uma boa formação que a economia agrícola do país se desenvolveria de maneira mais eficiente.

2.1.2 – Criação do Colégio de Iniciação Agrícola Dom Bosco

É com esta visão de que a formação agrícola seria a grande solução econômica para o país que o Padre André Cappeli dará início às obras em prol da construção de um colégio voltado para a formação agrícola dos alunos. Essa preocupação voltada para a capacitação dos jovens deve-se ao fato de

que apesar de ter terras férteis e uma grande variedade de produtos agrícolas, muitos dos colonos que aqui residiam não sabiam como lidar com a terra, uma boa parte havia residido apenas em áreas urbanas e, portanto, desconheciam muitas das técnicas e dos modos de trabalho com o campo.

Essa necessidade de formação para o trato agrícola fica evidente ainda, na reportagem do Jornal O Progresso de 1967, quando da criação Centro Educacional Agrícola de Dourados, quando se afirma que, “A instalação do CEAD visa a dar novas e melhores condições de produtividade á região de produção bastante diversificada: milho, feijão, trigo e batata”.

Vale salientar que esta não foi a primeira instituição de ensino criada no interior da CAND, conforme a legislação interna da CAND, os colonos poderiam abrir escolas quando julgasse necessário, nesse sentido, é comum encontrar documentos de colonos solicitando a abertura de escolas durante a década de 1940 á 1960, sendo que a maioria delas funcionava nas casas dos colonos, ou nos prédios de algumas igrejas no interior da Colônia, como professores, ficavam as mulheres que sabiam ler e escrever.

Em 1946, o Decreto Municipal nº. 70 estabelecia o regulamento da Colônia Agrícola Municipal de Dourados e, no seu art. 22, determinava a oferta de “instrução primária” gratuita para os filhos de colonos, com frequência obrigatória. O artigo 38 estabelecia multa de Cr\$ 100,00 para pais de menores não frequentes e “comparecimento intermédio da autoridade policial” (GRESSLER, 1988). (MANCINI, OLIVEIRA e SILVA, 2007, p. 125).

Além destas escolas criadas e mantidas na maioria das vezes pelos próprios colonos, o poder público chegou a criar a Escola da Linha do Potreirito, de regime federal e funcionando na sede da CAND, atendia somente o ensino primário, mas, no entanto não dava conta da demanda de crianças em idade escolar existente na Colônia Agrícola.

Apesar da existência de escolas criadas pelos próprios colonos e desta escola federal, que ofertavam o ensino primário, estas não davam conta da demanda.

De acordo com reportagem do jornal O Progresso de 01 de agosto de 1957, havia naquele momento, apenas 10 escolas funcionando dentro da CAND, quando a mesma possuía uma população em torno de 25 mil

habitantes. Ainda de acordo com a reportagem, pelo menos 1400 crianças estariam fora da escola por falta de vagas.

Essa grande quantidade de crianças fora da escola, não era uma realidade apenas dentro da CAND, na região urbana de Dourados, o número de escolas públicas também era pequeno, e como uma boa parcela da população, até meados da década de 1960, residia na zona rural, era comum, que muitas crianças não estivessem estudando.

Sobre o colégio criado pelos padres salesianos, há algumas controvérsias em termos das datas, de acordo com alguns relatórios do Padre André Cappeli, a escola teria sido criada no ano de 1956, data em que os primeiros salesianos chegaram à região da Colônia Agrícola.

A escola de Iniciação Agrícola “Dom Bosco” de Dourados teve início aos 16 de maio de 1956. Foi aberta com a finalidade de servir como escola para os filhos dos colonos do Núcleo Colonial de Dourados. A orientação com a qual foi aberta era técnico agrícola. Até o ano de 1960 ficou só um padre encarregado com uma casa de madeira e 30 há. de terra. Em 1960 foi construído um galpão de madeira, foi comprada mais terra e com a vinda de mais dois salesianos foi possível começar um pequeno internato para 30 meninos do curso primário. No ano de 1968 foi construído um pavilhão com 5 salas de aula e em 1969 um pavilhão para dormitórios e o prédio do moinho. Em 1970 foi construído o salão do teatro e teve início o funcionamento do Ginásio Estadual. (CAPPELI, André. RELATÓRIO DA ESCOLA DE INICIAÇÃO AGRÍCOLA DOM BOSCO, Indápolis – Dourados/MT. 1978 p.01)

Entretanto, conforme reportagem do Jornal O Progresso de 19 de abril de 1967, é neste ano que ocorreu a criação da instituição com o nome de “Centro Educacional Agrícola de Dourados”.

“Aprovado o Plano Educacional Agrícola de Dourados”.

O Plano de Criação do Centro Educacional Agrícola de Dourados para 500 alunos foi aprovado na íntegra pelos demais órgãos que participam do empreendimento. (...) O Centro Educacional Agrícola de Dourados comportará 300 alunos e 200 semi-internos, devendo funcionar já em 1968 o 1º ano do curso ginasial, com 120 alunos inicialmente, atendendo o Sul de Mato Grosso. Com curso primário, ginasial agrícola, técnico em agricultura, extensão rural e aperfeiçoamento de professores primários da região, o Centro Educacional Agrícola de Dourados terá características de atendimento regional,

sendo a primeira escola de nível médio na área da Fronteira Sudoeste.

Sua Administração:

O CEAD será administrado por um conselho Técnico Educacional formado por representantes dos seguintes órgãos SUDESUL, Ministério de Agricultura e Educação, INDA, Comissão Especial de Faixa de Fronteira, ACARMAT, Fundação do Bem Estar do Menor, Secretarias de Agricultura e Educação de Mato Grosso, Prefeitura Municipal de Dourados e Missão Salesiana do Sul de Mato Grosso. (Jornal O PROGRESSO, Dourados/MS, de 19 de abril de 1967, p.04).

Ainda de acordo com a reportagem, inicialmente a escola contaria com os seguintes recursos:

SUDESUL: NCR\$ 250.000,00; Ministério da Educação: NCR\$ 11.500,00; Ministério da Justiça: NCR\$ 14.000,00; Fundo Federal Agropecuário: NCR\$ 37.000,00; Departamento de Produção Animal do Ministério da Agricultura: NCR\$ 10.000,00. (Jornal O PROGRESSO, Dourados/MS, de 19 de abril de 1967, p.04).

O que fica visível, conforme apontado pela reportagem é que dentre as verbas destinadas à escola, uma delas provinha do SUDESUL, (Superintendência para o Desenvolvimento do Sul), cujo objetivo era fomentar o desenvolvimento da Região Sul do País.

De fato, a instituição foi criada com o intuito de atender aos filhos dos colonos da CAND, no sentido de dar uma formação agrícola, para que os mesmos continuassem no campo.

Funcionando em um prédio de madeira, cercado por plantações de café, com professores que na maioria das vezes também eram padres, como assinalou Silvana Furlan (2008),

Os seus professores, ou melhor, “mestres” como eram chamados pelos alunos foram: Inacio, Alcides, vindo de Mirandópolis, SP, Rafael e o assistente Pedron Bruno, vindos da Itália. Havia ainda o Pe. Sebastião Vilela, que além de diretor lecionava as disciplinas de português e ensino religioso, e Pe. André, definindo pelo Sr. Luis, como um “excelente professor de matemática” (FURLAN, 2008, p. 27).

Conforme a autora, em relação às disciplinas estudadas pelos alunos, estas eram mais de cunho prático do que teórico. Os alunos viam na prática como cuidar de criações de porcos, vacas leiteiras, galinhas, bem como o trato

da terra para a agricultura, que nesse momento dentro da CAND, décadas de 1950 e 1960, eram extremamente diversificadas.

De acordo com Menezes e Queiroz (2008), as terras ocupadas pelos colonos eram propícias a agricultura, tanto, que grande parte dos colonos dedicou-se a agricultura, mesmo que muitos não tivessem prática com o trato agrícola. Ainda conforme os autores, os colonos da CAND eram policultores, e contavam com baixo nível técnico,

Pelo menos na 2ª Zona da CAND, todo o processo utilizado na lavoura, desde o preparo da terra, no qual eram utilizados o arado e animais, até o plantio, era feito manualmente, semeando a semente com a ajuda de um instrumento denominado matraca (informação verbal do antigo colono Cassemiro Ferro). A colheita também era feita pelas mãos dos colonos. (MENEZES, QUEIROZ, 2008).

Essa pouca especialização, no trato com a terra, era uma das justificativas do Colégio Agrícola Dom Bosco, que buscava capacitar os filhos dos colonos, para que estes pudessem melhorar a qualidade e a produtividade das terras pertencentes aos seus pais e demais colonos, o que justifica o fato de as disciplinas serem de cunho prático e não teórico.

O Colégio Agrícola Dom Bosco havia sido criado como um colégio interno, e nesse sentido, Silvana Furlan, pontuou que os alunos não podiam sair sozinhos, devendo sempre estar acompanhados por um dos padres, sendo comum devido às distâncias, que os pais viessem até a escola para visitar os filhos, e não o contrário.

Durante a década de 1950, ao lado da casa de madeira utilizada pelos padres como dormitório, teve início a construção do prédio escolar em alvenaria foi construído um salão de eventos medindo 456 m², além de dois blocos de sala de aula um medindo 350 m² e o outro medindo 385 m².

Durante a década de 1960, a escola deixou de funcionar como internato e passou a aceitar meninas em seus bancos escolares, entretanto, havia uma divisão das atividades que meninas e meninos podiam ou não fazer. Furlan (2008), por exemplo, afirmou que algumas atividades como aulas de educação física eram feitas apenas pelos meninos, enquanto que as meninas tinham aulas de corte e costura e de prendas domésticas, mesmo durante os

intervalos, alunas e alunos não podiam sentar juntos e eram supervisionados pelos padres.

A partir de 1968, a escola passou por sua primeira grande reforma, quando um novo prédio foi construído, os outros prédios já existentes foram reformados, e os espaços destinados a salas de aula foram ampliados ou alterados, durante esta reforma foram construídas duas quadras esportivas localizadas logo na entrada da instituição.

Apesar de um novo bloco de salas de aula ter sido construído posteriormente, praticamente todas as salas de aula da escola seguem o mesmo padrão, no qual logo abaixo da lousa, há um tablado em que se encontra a mesa do professor, de modo que o mestre fique sempre acima dos alunos e possa ter uma visão maior de toda a sala de aula.

Todas as salas de aula da escola possuem janelões que dão para o pátio externo, no qual se encontra a quadra de esportes e janelas que dão para o pátio interno, onde os alunos permanecem durante o recreio, as referidas janelas são altas e grandes, de modo a permitir a entrada de luz natural no interior das salas. Até meados da década de 1980, era comum encontrar crucifixos pregados em cada sala de aula, logo acima da lousa.

Pelos corredores da escola, é possível ainda, visualizar a imagem de Nossa Senhora Aparecida localizada em uma espécie de altar, que fica entre as salas de aula. Além de banners com imagens de Dom Bosco e trechos de versículos bíblicos, além de frases proferidas pelo religioso.

Entretanto, até meados da década de 1980, era comum as turmas serem divididas por sexo, e durante os intervalos, meninas e meninos deveriam ficar separados um do outro.

No início da década de 1970, de acordo com Solange Furlan, houve um interesse muito grande por parte dos pais e professores para que o Ginásio Agrícola Dom Bosco, fosse transformado em escola profissionalizante, entretanto, devido a interesses políticos, o Ginásio, no ano de 1974, foi denominado de Escola de 1º Grau Dom Bosco, por meio do Decreto nº 2177/74.

O Pe André Cappeli em seu relatório de 1972, já afirmava que o então Ginásio Agrícola Dom Bosco já estava estadualizado, sendo que, a escola

atendia uma média de 350 alunos dividido entre o primário e o ginásio. Funcionando nos três períodos, matutino, vespertino e noturno, sendo que no período noturno funcionava o primário para adultos.

O ginásio pertence á rede estadual de educação e os professores são pagos pela secretaria de educação do estado de MT. A nomeação dos professores é feita após escolha por parte do Diretor (Pe André). O corpo docente é bom, mas sente-se o peso da distancia da cidade nos horários. Outro inconveniente é o desencontro dos períodos criado pela Secretaria de Educação que cria dificuldades para os professores nas férias impossibilitando-lhes, além do mais, a participação nos necessários cursos de reciclagem. (CAPPELLI, André. RELATÓRIO DA ESCOLA DE INICIAÇÃO AGRÍCOLA DOM BOSCO, Indápolis – Dourados/MT. 1978 p.01).

Como vimos apesar de a escola ter sido estadualizada, a direção da mesma continuou sendo feita pelos padres salesianos, prática essa que permaneceu até meados da década de 1980, quando a professora Márcia assumiu a direção da instituição.

A partir do ano 1977, a escola é elevada em nível de 2º grau, recebendo assim, outra denominação, “Escola de 1º e 2º grau Dom Bosco”, onde iniciou a oferta do curso de Técnico em Contabilidade. No ano de 1982, a escola deixa de oferecer o referido curso e trocando-o pelo curso de Habilitação Específica do Magistério de 1º grau.

Vale dizer que o curso de Magistério, foi reconhecido a título precário pela Secretaria de Educação, de modo que somente no ano de 1985 deu-se o reconhecimento do mesmo, por meio da Deliberação CEE nº 1119/85 em que autoriza os registros dos diplomas da primeira turma de formandos.

No ano de 1985, iniciam-se as discussões para que a escola deixasse de oferecer o 2º grau profissionalizante, e passasse a oferecer apenas o 2º não profissionalizante. Ao longo da década de 1980, essa discussão permeará boa parte dos processos que a instituição enviará para a Secretaria de Educação.

Sendo somente em fins da década de 1980 e inicio da de 1990, com a extinção dos cursos de Magistério, que a escola conseguirá de fato, ofertar somente o 2º grau não profissionalizante, mas a instituição continuou ofertando o 1º grau. A partir de 1998, a escola recebeu outro nome “Escola Estadual Dom Bosco”, denominação esta, que permanece até os dias atuais.

Conforme já dissemos anteriormente, a escola, durante a década de 1970, foi estadualizada, entretanto, a presença da Igreja Católica em seu interior, continuou presente, um exemplo disso é que durante as décadas de 1970 e 1980, dois padres estiveram no cargo de diretor da instituição, são eles, Pe. Ludovico e Pe. André.

Outra questão é o fato de que o prédio ocupado pela escola pertencia inicialmente à Igreja, mais precisamente, aos padres salesianos, para que a instituição continuasse a funcionar, contratos de locação de terreno forma assinados entre a Missão Salesiana de Mato Grosso e a Secretaria de Educação de Mato Grosso do Sul, ambas com sede em Campo Grande.

Conforme o termo de locação n° 004/80, a Missão Salesiana e a Secretaria de Educação do Estado, firmam um contrato de locação válido inicialmente por um ano, podendo ser prorrogado desde que ambas as partes concordem, no contrato está assinalado que,

Cláusula primeira – o imóvel ora locado destinar-se-á ao funcionamento da Escola Estadual de I e II graus Dom Bosco, é constituído de 08 salas de aulas, 04 salas para administração, 01 quadra de esportes, 01 biblioteca, 01 salão de atos, área para prática agrícola, 20 sanitários, 02 vestiários. (TERMO DE CONTRATO DE LOCAÇÃO n° 004/80, ARQUIVO MISSÃO SALESIANA DE MATO GROSSO, 1980).

Durante as décadas de 1970 à 1980 boa parte dos professores da EE Dom Bosco eram oriundos da região sul do país sendo que muitos haviam se formado em instituições de ensino superior ligadas à Igreja Católica, sendo que alguns professores eram inclusive padres, que além das aulas da EE Dom Bosco atuam no Seminário Salesiano.

Sobre esse ponto, Silvana Furlan (2008), pontuou que,

Todas as primeiras sextas-feiras de cada mês, dedicado ao Sagrado Coração de Jesus, eram realizadas as missas nos três turnos em que funcionava a escola: matutino, vespertino e noturno. Antes da missa, os alunos eram convidados a participar das confissões que eram feitas pelos padres André, Pedro e Ludovico, numa capela que havia anexa à escola. (2008, p.33).

De acordo com a autora, era comum, no início de cada ano letivo, os padres conversarem com os professores sobre o Sistema Preventivo dos

Salesianos, dando o destaque para o uso da razão em situações de conflito entre professores e alunos.

Devemos lembrar que o terreno ocupado pela escola pertencia à Igreja, sendo que parte dele é ocupada pelo Noviciado São João Bosco inaugurado em 1986, o prédio atual foi construído em 2005.

Durante a coleta das fontes procuramos ainda, identificar algumas comemorações ou festividades realizadas pela escola, o que não foi uma tarefa muito fácil, uma vez que não foi possível localizar dentro da escola, registros destas atividades.

Na verdade os únicos registros estão no acervo fotográfico, mas que se restringem as décadas de 1990 e 2000. Por meio do jornal O Progresso, conseguimos identificar duas reportagens acerca dos eventos promovidos pela escola, o primeiro, refere-se ao Dia das Mães.

Datado de 05 de Junho de 1971, o Jornal O Progresso, traz uma reportagem detalhando como foi o evento e quais atividades ocorreram, que nesta época já havia sido estadualizado,

DIA DAS MÃES NO GINÁSIO DOM BOSCO DE INDÁPOLIS

Noite de gala viveu o Ginásio Estadual Agrícola Dom Bosco, quando em seu salão de festas a professora Alice Junko Suzoki, o padre Ludovico e prof. Rafael Loche promoveram as festividades do DIA DAS MÃES naquele estabelecimento de ensino médio, num encontro entre pais, mestres, estudantes e pessoas convidadas. (JORNAL O PROGRESSO, Dourados/MS de 05 DE JUNHO DE 1971, p.01).

Outra atividade realizada pela escola e que também foi registrada pelo mesmo jornal, refere-se à apresentação teatral dos alunos. Segundo a reportagem, a escola possui um grupo de teatro formado pelos próprios estudantes sob direção do Professor Rafael Loche.

TEATRO ESTUDANTIL É SUCESSO ABSOLUTO EM INDÁPOLIS

A direção do Ginásio Estadual Agrícola Dom Bosco, vem incentivando os seus alunos na arte cênica. O grupo teatral formado pelos estudantes deste distrito, tem apresentado com grande sucesso maravilhosas peças.

Dia 8 houve comovente homenagem aos pais, sendo uma noite realmente alegre, quando aqueles, puderam sentir o reconhecimento dos seus sacrifícios. (...) Foi encerrada a peça "A noite do Vagabundo" de José Périco, arrecadando os mais

vivos aplausos da assistência que tomava literalmente o salão de festas do Ginásio. (...) Os ensaios gerais e a direção esteve a cargo do mestre Rafael Loche. Outro retumbante sucesso foi a apresentação da noite de domingo da peça “Arre, que noite”. Estão de parabéns a direção e mestres do nosso Ginásio Agrícola, cujas atividades extra-curriculares de incentivo aos seus alunos, servem de exemplo aos demais estabelecimentos de ensino da região. (O Progresso de 25 de agosto de 1971, p.01)

Por meio desta reportagem podemos perceber que a referida apresentação teatral estava relacionada à comemoração do Dia dos Pais, sendo que outras atividades também foram realizadas pela escola no referido evento.

Já em relação ao acervo fotográfico que a escola mantém como já foi dito, é composto por imagens de eventos realizados pela instituição a partir da década de 1990, sendo que em sua grande maioria trata-se de festas juninas, feiras de ciências, formaturas e comemorações em torno da figura de Dom Bosco.

2.2 - ACERVOS FOTOGRÁFICOS ENQUANTO FONTES DE PESQUISA PARA A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

Durante a segunda metade do século XIX, com o avanço nas técnicas (Benjamin, 1994), a fotografia começou a ser mais difundida, associada à rapidez da produção e o seu custo menor, o que de acordo com Lima e Carvalho (2009),

Invenção burguesa por excelência, a fotografia popularizou o retrato e levou aos recantos mais distantes do mundo essa “caixa de pandora”, contendo paisagens de lugares exóticos, de monumentos, de tipos humanos, retratos com apelos eróticos, paisagens urbanas das metrópoles, imagens chocantes de guerras e de conquistas científicas. – (p.30).

Recorrendo a obra de Martins (2008), as autoras afirmam que a fotografia propiciou a chamada “cultura popular da imagem”, onde “apesar de ser símbolo da modernidade e urbanidade, a fotografia foi absorvida por sociedades tradicionais, que a transformaram em instrumentos de atualização

“moderna” de antigos valores, normas e costumes”. (LIMA e CARVALHO, 2009, p.31).

Conforme assinalado pelos autores, a fotografia pode ser considerada como relativamente recente em nossa sociedade, entretanto, o uso de imagens como representação já é algo bem mais antigo. Luiz (2012) assinalou que a imagem sempre esteve presente na cultura humana, antecedendo a fala e a escrita e antes mesmo de desenvolvermos uma escrita alfabética, já utilizávamos a imagem como forma de expressão.

Essa difusão da fotografia, ao menos na Europa do século XIX, incentivou a questão da preservação, principalmente quando relacionados a grupos minoritários da sociedade, ou a determinados eventos.

Durante o século XX as técnicas fotográficas foram se modernizando, tornando-se ainda mais acessível, com isso, houve a abertura do mercado fotográfico, com destaque para as fotos destinadas aos meios de comunicação, como jornais e revistas. (LIMA e CARVALHO, 2009).

Devido a essa crescente difusão das fotografias começam a aparecer então, os primeiros grupos de colecionadores de imagens, seja por meio de álbuns familiares ou não. Essa popularização da fotografia fez com que a mesma passasse a ganhar novos sentidos, principalmente para determinadas classes sociais (Girardi, 2007), passando a registrar eventos domésticos e familiares e sendo vista como um sinal de modernidade e de prestígio por parte de seus usuários.

Em fins da década de 1980 e início da década de 1990 o fácil acesso às máquinas fotográficas, com destaque para as máquinas digitais, permitiu uma difusão ainda maior da fotografia bem como a sua popularização entre todas as classes sociais.

Em termos de pesquisas, as fotografias, neste momento, “servia como documento complementar para a construção de narrativas de cunho positivista, baseada no encadeamento factual e biográfico” (LIMA e CARVALHO, 2009, p.35).

Ainda segundo as autoras, devido ao aprimoramento das lentes, e da sensibilidade dos filmes, as fotografias passam a ser utilizadas por algumas ciências, como a Sociologia e a Antropologia, onde a imagem fotográfica

passou a ter um alto grau de confiabilidade, sendo vista como um documento testemunhal.

Nas palavras de Stancik (2009),

Sendo assim, toma-se o retrato fotográfico como um produto social e cultural, concebido como documento e como monumento. Como registro, um fragmento que chega até nós oriundo de outros tempos, e como recurso apto a comunicar representações, ou seja, modos pelos quais indivíduos e grupos sociais representam a si e ao mundo. – (STANCIK, 2009, p.446-447).

Apesar de ser vista como um documento testemunhal e com alto grau de confiabilidade, é somente a partir dos anos de 1990 que a fotografia passa a ser vista de fato enquanto uma fonte de pesquisa e não apenas como algo meramente ilustrativo para historiadores, sociólogos e antropólogos.

A fotografia deve ser vista como uma fonte de informação, assim como o documento escrito, que nos leva a reconstruir certas lembranças ou memórias de determinados momentos vividos no passado (Luiz, 2012). Vale lembrar que a fotografia não deve ser vista ou analisada sozinha, faz-se necessário associá-la a outros documentos, sejam eles orais ou escritos, de modo a ter uma visão mais ampla sobre determinados fatos.

Para Peixoto (2005, p.206), a imagem, enquanto fonte de estudo, integra o denominado universo iconográfico. Embora este universo seja amplo, envolvendo inúmeros tipos de imagens e grande quantidade de técnicas usadas em sua produção, na maioria das vezes ela é utilizada para designar pinturas, desenhos, imagens gravadas por meio de variadas técnicas ou esculpidas, imagens feitas a partir de técnicas fotográficas. Em vários momentos, ela é utilizada para expressar imagens de memória, aquelas que trazemos conosco, em nosso cotidiano, muitas vezes sem percebermos e que nem sempre tem uma representação plástica e invariável.

Boris Kossoy (2001), por exemplo, afirmou que a fotografia ainda não alcançou plenamente o status de documento, apesar de ser utilizada enquanto fonte para pesquisas, a sua confiabilidade ainda é questionada.

Para o autor, nós ainda estamos presos à tradição da escrita, talvez isso esteja ligado aos resquícios do modelo positivista, em que apenas documentos escritos oficiais eram tidos como fontes de pesquisa. Desse modo,

a fotografia era vista apenas como um complemento, de caráter meramente ilustrativo para a pesquisa.

Enquanto Kossoy lançou esses questionamentos acerca da confiabilidade da fotografia enquanto fonte de pesquisa, Mauad (1996) lhe dá o status de testemunho direto ou indireto do passado, no qual,

A ideia central é apresentar a fotografia como uma mensagem que se elabora através do tempo, tanto como documento/imagem quanto como imagem/documento tanto como testemunho direto. (MAUAD, 1996, p.73)

Nesse sentido, Kossoy recorreu à obra de Gavin (1985), quando o mesmo disse que, "paradoxalmente, os documentos fotográficos, apesar de sua legendária superioridade em relação aos registros verbais, ainda hoje frequentemente escapam da malha fina da erudição". (GAVIN, apud KOSSOY, 2001, p.29).

Toda fotografia tem atrás de si uma história. Olhar para uma fotografia do passado e refletir sobre a trajetória por ela percorrida é situá-la em pelo menos três estágios bem definidos que marcam a sua existência. (KOSSOY, 2001, p.45).

E são justamente estas histórias por trás das fotografias que as pesquisas procuram desvelar. Kossoy apontou que os devemos levar em conta a questão da intenção de quem fotografou o que foi registrado, ou seja, a fotografia e por fim, os caminhos percorridos por esta fotografia, para quem ela foi produzida, com qual intenção.

Afinal devemos lembrar que os registros fotográficos não são apenas imagens, são na verdade, meios de comunicação, que se utiliza de uma linguagem visual para transmitir informações,

ao fazer pose, o fotógrafo não apenas fixa determinada postura, mas seleciona previamente os elementos que irão compor o seu retrato. Realiza, dessa forma, um trabalho social de produção de sentido, operado pelo fotógrafo e, não menos, pelo fotografado que faz pose diante da câmara (BARTHES, apud, STANCIK, 2009, p.446).

Sendo, pois, nesse sentido que devemos olhar para a fotografia e para o acervo fotográfico enquanto um documento e, portanto, passível de ser transformado em fonte de pesquisa. Justino Magalhães ao falar sobre a localização de documentos para uma pesquisa, afirmou que,

[...] raramente encontra um corpo documental organizado, que permita uma informação coerente e considerada suficiente sobre a totalidade das questões e dos itens em análise, o investigador tem necessidade de fazer opções, pois precisa de informações e eixos significativos diante do objeto em estudo. (MAGALHÃES, 2004, p.150).

De fato, em relação aos acervos documentais existentes nas escolas, normalmente este é de difícil acesso, seja por falta de organização estrutural, ou espacial. No caso das fotografias, percebe-se que este também na maioria dos casos não se encontra organizado, as fotos podem estar divididas e guardadas em vários setores da escola, ou ainda, em outros locais fora da instituição, como por exemplo, na casa de professores e diretores, bibliotecas públicas, arquivos públicos ou particulares etc.

Retomando o que foi apontado por Kossoy (2001), sobre os estágios que marcam a existência da fotografia, e pensando no contexto do espaço escolar, ou seja, fotos e álbuns fotográficos elaborados por instituições de ensino, Barros, (2005, p.122), afirmou que,

As fotografias produzidas pelas instituições falam de uma história oficial, produzidas para o governo, no caso das escolas federais, estaduais ou municipais, ou para mantenedoras religiosas ou laicas, no caso das instituições particulares. As fotos são principalmente construídas por fotógrafos profissionais, associando uma estética apurada no tratamento formal (com planos bem construídos e distribuição da figuração), com um conteúdo fundado em signos que remetem à tradição humanista secular e à disciplina e moral religiosa.

Isso pode ser observado em álbuns escolares do início do século XX, nos quais era comum a escola contratar fotógrafos para registrarem determinados momentos, como formaturas, início ou término do ano letivo, festas e confraternizações, visitas de autoridades etc.

Modernamente, as imagens dessas festas indicam uma intensa socialização – nas imagens estamos sempre cercados de amigos, de colegas, de professoras; numa palavra, de afetos – e a apropriação de uma temporalidade – as fotos sempre remetem a festas recorrentes – envolvendo o crescimento do aluno e associando sua figura a outros personagens. (BARROS, 2005, p.126).

Por que apenas as festas mais recorrentes eram registradas pela escola? Por que determinados momentos da festa foram registrados? Estas são apenas alguns dos questionamentos que surgem ao nos depararmos com o acervo fotográfico de uma instituição.

A utilização das imagens quando localizadas num acervo, como é o caso do Museu da Escola deve, também, levar em conta a especificidade desta instituição. Embora não seja o único, “o museu é um espaço de representação do mundo, dos seres, das coisas, das relações” (MENESES, apud, PEIXOTO, 2005, p.207).

Apesar de estar relacionado às imagens presentes no Museu da Escola e ao seu acervo, quando transportados para a questão da escola, Meneses nos faz refletir sobre como os acervos fotográficos foram organizados no interior da escola, quem os organizou, qual a especificidade da escola, e como isso aparece nas imagens etc.

Até meados da década de 1980 era comum a escola registrar apenas determinados momentos, como formaturas, visitas de personalidades à instituição e determinadas festividades como “feiras de ciências”, festas juninas, desfiles cívicos, entre outros, sendo que na maioria dos casos a escola contratava um fotógrafo para realizar estes registros.

A partir da década de 1990 (Burke, 2004) com a difusão das máquinas fotográficas manuais e conseqüentemente barateamento no custo de impressão das imagens, muitas instituições passaram a adquirir máquinas fotográficas, acarretando em um aumento considerável de imagens produzidas pela escola.

Esse aumento considerável no número de registros fotográficos por parte da escola pode ser percebido no momento da análise das imagens, no qual é possível perceber que além de registros referentes às formaturas, desfiles cívicos e festividades, a escola passa também a registrar passeios e viagens em que ela participa, ou ainda, atividades do seu cotidiano, como alunos durante uma aula ou durante os intervalos.

Percebe-se que deixa de haver uma certa padronização nas imagens em termos estéticos, ou seja, quem passa a registrar estas imagens são os próprios professores, em alguns casos os próprios alunos, entrando em cena a figura do fotógrafo amador. (melhorar esta ideia).

Para Barros (2005), as fotografias ou ainda os álbuns fotográficos podem nos auxiliar a compreender o universo escolar. No sentido de indicar os sujeitos que dela participaram em determinados momentos, mas também sobre instancias da cultura escolar, “as fotografias, enfim, confirma um definido instante e lugar, um espaço – tempo. A imagem diz, sempre, um ali e um agora sobre a escola” (p.129).

Se para as pesquisas na área de História a fotografia ainda não possui um caráter significativo enquanto fonte, no campo da História da Educação, a situação não é diferente.

Ciavatta (2002) afirmou que ainda não há uma metodologia própria para o estudo da fotografia enquanto fonte, principalmente na área de educação.

Trabalhos voltados para os acervos escolares, ainda são recentes, seja pela própria falta de interesse dos pesquisadores, seja pela falta de acervos por parte das instituições, que em determinadas localidades dependiam de fotógrafos viajantes para registrarem seus momentos.

A utilização da imagem como fonte para o estudo da história da educação se explica no contexto de renovação deste campo, que incorporando os avanços da historiografia contemporânea e da pesquisa no campo educacional volta suas atenções para as práticas educativas, enquanto manifestações culturais, seus sujeitos e seus produtos, considerados em sua materialidade; pelas instituições enquanto espaços onde as práticas são criadas e recriadas. (PEIXOTO, 2005, p.205).

Entendemos que o acervo fotográfico só passa a ser visto enquanto fonte de pesquisa no sentido de que fontes, são na verdade construções humanas, e nos dizeres de Le Goff (1991), Marrou (1978) e Bloch (2001), são vestígios, indícios da atividade humana durante determinado período.

O caráter de fonte é o pesquisador quem dá ao documento, é um reconhecimento, uma atribuição de valor e de sentido pelas informações que o mesmo pode passar. Nos dizeres de Vendrameto (2005), a fonte documental, é o único meio de contato com o passado,

E que nos permite formas de verificação, na medida em que, estando inscrita em uma operação teórica produzida no presente, relacionada a projetos interpretativos que visam a confirmar, a testar ou a aprofundar o conhecimento histórico acumulado. (VENDRAMETO, 2005, p.68).

Sendo dentro dessa necessidade então de voltar ao passado, ou melhor, de estreitar os laços com os fatos do passado que adotar os acervos fotográficos enquanto fonte torna-se necessário no sentido de buscar respostas a indagações que não seriam respondidas apenas pelos documentos escritos ou orais.

Maria Vendrameto (2005) afirmou que o bom trato com as fontes, pode nos levar a outras fontes de pesquisa, além de leituras mais profícuas sobre nosso tema de estudo, bem como a construção de novos conhecimentos acerca da educação.

Ao localizar e estudar o acervo fotográfico da escola está possibilitando novos olhares acerca da história da instituição e permitindo ainda o acesso a novas fontes de pesquisa.

No caso das fotografias, estas trazem vestígios (KOSSOY, 2007), indícios para nossos estudos sejam por meio da identificação de datas, técnicas e materiais utilizados durante a elaboração e produção de uma imagem, ou ainda, por meio da representação do conteúdo da imagem, que nos leva a identificar um dado real.

Trata-se dos indícios existentes na imagem (iconográficos), e que, acrescidos de informação de natureza histórica, geográfica, geológica, antropológica, técnica, a carregam de sentido. (KOSSOY, 2007, p.41).

São os pequenos detalhes que merecem destaque, às vezes a roupa de uma pessoa, um cartaz contendo algumas informações, um modelo de carro etc., que possibilitam a recuperação de outras informações e que nos levam a buscar outras fontes, outros documentos de modo a complementar a nossa pesquisa.

Ainda nesse sentido, Le Goff (1984), nos lembra que a imagem de um modo geral possui um caráter de monumento, no sentido de que são vistas como perpetuação de um determinado passado e instrumentos de transmissão de uma determinada memória coletiva.

Desse modo, para a análise da fotografia ou de outros tipos de imagem enquanto fonte de pesquisa faz-se necessário, desmonumentaliza-la, ou seja,

lançar algumas indagações acerca da sua elaboração, produção e difusão, para então passar a tratá-la enquanto documento histórico.

2.3 O ACERVO FOTOGRÁFICO DA EE DOM BOSCO: HISTÓRIAS E MEMÓRIAS POR MEIO DAS IMAGENS FOTOGRÁFICAS

A imagem fotográfica resulta do processo de criação do fotógrafo: é sempre construída; e também plena de códigos. Não podemos perder de vista que os indícios que a imagem fotográfica apresenta relativamente ao tema, foram gravados por um sistema de representação visual. (KOSSOY, 2007, p.42).

De fato, a imagem fotográfica é uma construção, permeada de sentidos e objetivos, ou ainda, como sinalizou Boris Kossoy (2007), a imagem fotográfica não passa de uma mera encenação, onde determinados detalhes são omitidos ou ampliados, personagens podem aparecer sorrindo ou não, alguns ambientes podem aparecer desfocados ou não.

Enfim, há toda uma gama de detalhes que merecem ser observados quando da análise de uma imagem fotográfica, de modo a perceber quais sentidos o fotógrafo quis captar, o que ele de fato quis registrar com esta ou aquela imagem, etc.

Kossoy (2007) nos fala de elementos icônicos, ou seja, “fatores que corporificam o documento, materializam a representação, e os elementos icônicos propriamente ditos, que conformam a imagem.” (p.48).

No caso dos acervos fotográficos, a seleção de quais imagens será utilizada nem sempre é um caminho fácil, uma vez que é comum as escolas guardarem as fotografias todas em um único espaço, normalmente em pastas do tipo catálogo, coladas em folhas de papel, ou em caixas de papelão. É comum ainda, que muitas fotografias não estejam nas escolas e sim com ex-professores, ex-diretores, e até mesmo em outros espaços, como bibliotecas públicas, museus, arquivos públicos e privados etc.

Em relação à identificação dos personagens destas fotografias, há outra dificuldade, ou os funcionários da escola não tem tempo para sentarem e

auxiliarem nesta tarefa, ou ainda, estão a pouco tempo trabalhando na instituição e, portanto desconhecem as pessoas retratadas.

O objeto desta pesquisa foi o acervo fotográfico da Escola Estadual Dom Bosco, localizada no distrito de Indápolis/MS, seu acervo fotográfico é composto por cerca de 1180 fotos coloridas dispostas em 57 álbuns fotográficos, que estão guardados em uma caixa de papelão na secretaria da escola.

Apesar do número considerável de fotografias na EE Dom Bosco, estas estão datadas apenas a partir da década de 1990 e vão até mais ou menos o ano de 2002, quando então a escola adquiriu uma máquina digital e passa a manter um acervo de fotografias em meio digital.

Nesse sentido, iniciamos um processo de busca por outras fotografias da escola que pudessem estar em outros espaços, para tanto, visitamos o Seminário Salesiano localizado ao lado da EE Dom Bosco, o Museu Histórico de Dourados, o Centro de Documentação (FCH/UFGD) e entramos em contato com a Missão Salesiana de Mato Grosso, localizada em Campo Grande/MS.

Apenas no arquivo da Missão Salesiana de Mato Grosso que conseguimos localizar algumas fotografias da EE Dom Bosco, em total de 66 fotos disponibilizadas em um CD-ROM, este acervo compõe imagens da década de 1950 a 1980, algumas em preto e branco e outras coloridas.

As fotografias localizadas no interior da EE Dom Bosco foram organizadas por temáticas, e após isso, selecionamos algumas que pudessem representar esses conjuntos. Das fotografias oriundas do Arquivo da Missão Salesiana de Mato Grosso foram selecionadas algumas que consideramos mais representativas.

Alguns questionamentos acerca destas imagens fotográficas surgem em uma primeira análise, como por exemplo; por que determinados fatos ou momentos foram “lembrados” pela escola? Quais momentos aparecem com mais frequência nas fotografias? Por quê? Qual “memória” a escola está tentando manter?

Em seu trabalho acerca da fotografia enquanto fonte de pesquisa para estudar um colégio feminino, Bonato (2003), apontou que, “por mais neutra que possa parecer, a fotografia reflete o *olhar*, a postura do fotógrafo diante da

realidade a ser fotografada”. Nesse sentido, quais olhares as fotografias da EE Dom Bosco quer refletir? Qual a realidade que o fotógrafo quis registrar?

A CHEGADA DA MISSÃO SALESIANA NO DISTRITO DE INDÁPOLIS

Como vimos anteriormente, a Missão Salesiana chegou à região do distrito de Indápolis na década de 1950 e entre as suas primeiras ações esteve a construção de uma residência para os padres e o início de um colégio agrícola.

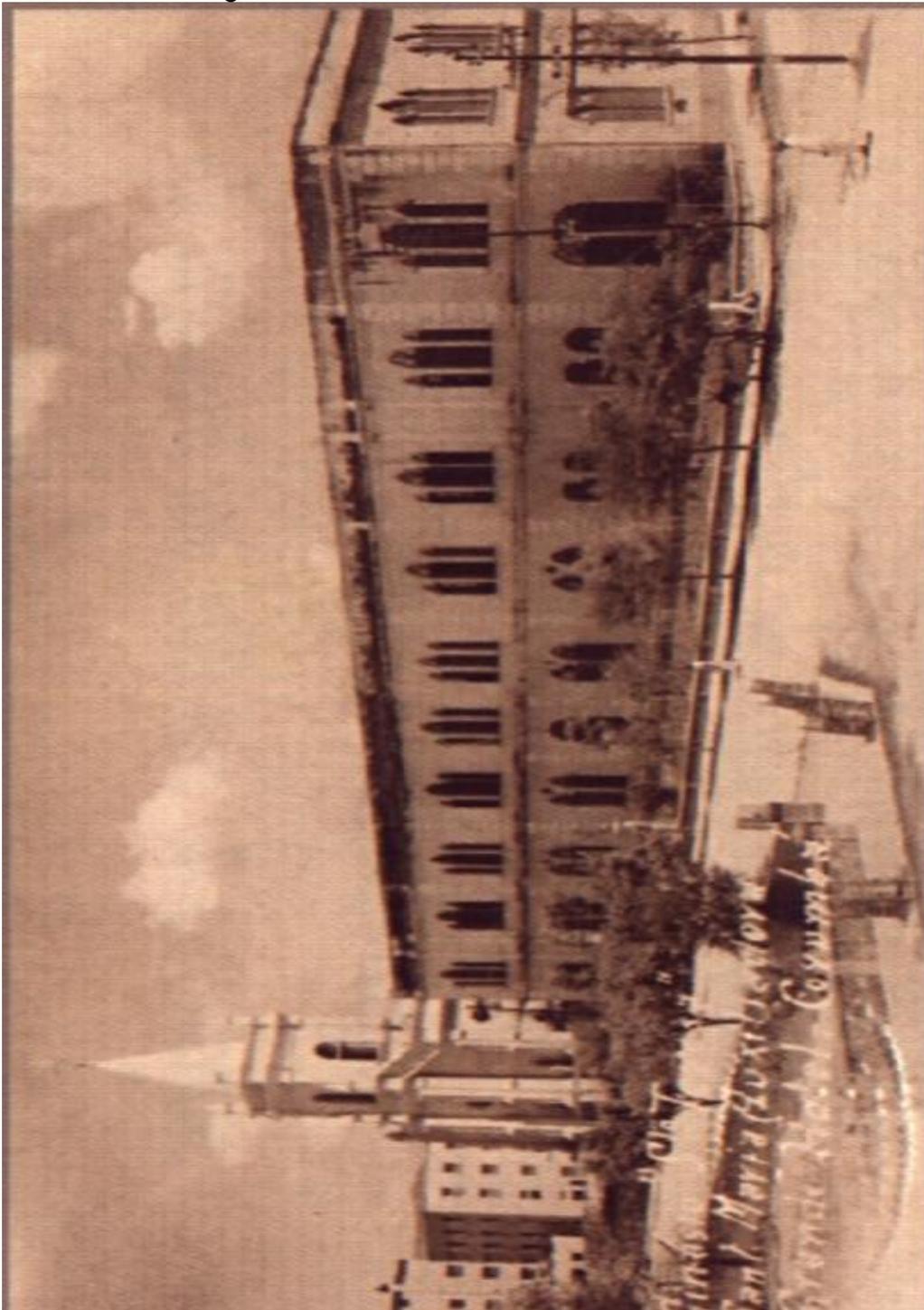
Nesse sentido, adentramos na questão do modelo de arquitetura adotado pelas instituições escolares salesianas no estado de Mato Grosso, com destaque para as criadas na região sul do estado.

Escolano (2001), por exemplo, afirmou que a “arquitetura escolar é um elemento cultural e pedagógico não só pelos condicionamentos que suas estruturas induzem, [...] mas também pelo papel de simbolização que desempenha na vida social” (p.33).

No caso específico das escolas salesianas construídas no sul do estado, podemos ver que há diferenças entre uma estrutura e outra. Aparentemente as escolas salesianas construídas tanto nos estados de São Paulo, Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Mato Grosso seguiam um modelo de arquitetura muito próximo, os prédios na maioria das vezes eram de dois ou três andares, sempre localizados em terrenos de esquina na área central da cidade, com uma estrutura opulenta, de modo a deixar claro que a educação é um privilégio.

Na imagem abaixo (Imagem 3, p.69) temos a fachada do Colégio Salesiano de Santa Teresa construído na cidade de Corumbá/MS na década de 1930, localizado em um terreno de esquina, o prédio de dois andares mantém um estilo arquitetônico que chama a atenção pela sua opulência, contanto com grande janelões para permitir a entrada de luz natural nas salas de aula, bem como detalhes em sua estrutura de modo a apresentar o que Silva (2009) chamou de um local privilegiado, no qual apenas a elite tinha acesso.

IMAGEM 3: Colégio Salesiano de Santa Teresa em Corumbá/MS.



LEGENDA: Prédio de dois andares no qual funcionou até a década de 1960 o Colégio Salesiano de Santa Teresa localizado na cidade de Corumbá/MS. Ao lado da escola há a torre da Igreja Católica e na frente dos dois prédios a praça pública, espaço no qual os alunos costumavam se reunir antes e depois das aulas.

FONTE: SILVA, Celeida Maria Costa. **História Das Práticas Pedagógicas E Cultura Escolar Do Colégio Salesiano De Santa Teresa, Corumbá-MS (1972-1987).** Campinas: UNICAMP, 2009. Tese (Doutorado em Educação) p.57

IMAGEM 4: Primeira casa e prédio escolar construída pela Missão Salesiana no distrito de Indápolis.



LEGENDA: Casa de madeira com um jardim na frente tendo algumas árvores frutíferas. Ao fundo é possível identificar postes de energia elétrica e o moinho de trigo, única construção de alvenaria. A estrutura da casa é simples, de madeira, com um único andar, janelas pequenas.

FONTE: Arquivo da Missão Salesiana de Mato Grosso.

No caso da escola construída pela Missão Salesiana em Indápolis, será que esta tinha a mesma representatividade que as outras escolas salesianas do estado?

Em termos arquitetônicos a escola construída em Indápolis quando comparada com as demais escolas salesianas deixa muito a desejar, afinal era apenas uma casa de madeira (imagem 4, p.70) com um vasto jardim na frente, ao fundo um moinho de trigo, sendo esta a única construção de alvenaria. Portanto, sem o “glamour arquitetônico” que esteve presente em outras escolas construídas pela Missão Salesiana.

Na segunda imagem, agora colorida, apesar de a fotografia ser do início da década de 1980, outro detalhe que nos chama a atenção, é o fato de haver postes de energia elétrica próximos ao moinho. Considerando o fato de que é somente a partir de 1970 (Santini, 2008) que a cidade de Dourados passa a contar com energia elétrica em tempo integral. Ao fundo da casa e do moinho, havia várias árvores frutíferas e uma plantação de bananas, bem como uma pequena horta.

Quando comparada então com o Colégio de Santa Tereza da cidade de Corumbá, fica nítido a diferença das construções o que nos leva a questionar o porquê deste fato, afinal aparentemente a verba que a missão destinava para a construção das instituições escolares era o mesmo para todas as localidades.

Mesmo quando comparada com outras instituições que ofertavam o ensino agrícola e que não era necessariamente dirigida por grupos religiosos a diferença da estrutura física da EE Dom Bosco e as demais escolas é grande.

Um exemplo é o Colégio de Iniciação Agrícola “Gustavo Dutra” criado em 1943 na cidade de Santo Antônio de Leverger /MT de caráter laico, voltada para a formação agrícola de rapazes, atualmente funciona como Centro Federal de Educação Tecnológica de Mato Grosso.

Pela imagem abaixo (Imagem 5, p.72) podemos ver as diferenças da estrutura do prédio, que tem uma parte de dois andares e outra de um piso apenas, com uma arquitetura mais simples, mas nem por isso, menos marcante.

IMAGEM 5: Fachada do Colégio de Iniciação Agrícola Presidente Dutra, de Santo Antônio de Leverger/MT.



LEGENDA: Prédio de alvenaria do Colégio de Iniciação Agrícola Presidente Dutra, construído na década de 1940, com uma arquitetura simples, sem grandes marcas de opulência, ou de detalhes que chamassem muito a atenção.

FONTE: SOARES, Lindamar Etelvino. **Escola de Iniciação Agrícola “Gustavo Dutra”:** O poder disciplinar no contexto do ensino agrícola de Mato Grosso (1947-1956). Cuiabá: UFMT, 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) p.69.

O Colégio Agrícola de Santo Antônio de Leverger foi construído com verbas do poder público (Soares, 2007), além das características arquitetônicas, seus recursos humanos e materiais eram superiores aos da EE Dom Bosco, mas aparentemente as duas escolas tinham os mesmos objetivos, conforme Soares (2007),

Na Escola de Iniciação Agrícola “Gustavo Dutra” observa-se uma instituição valorativa do delineamento de discentes próximos às organizações militares através de uma série de práticas militarizantes destinadas a transformar o contingente educacional em produtores da fartura agrícola, de um trabalhador agrícola adestrado para a grande lavoura, qualificado para uma abrangência nacional que estava, na época, além das paredes da instituição, no internato, no campo escolar. (p.32).

No caso da EE Dom Bosco, as práticas não tinham esse caráter militarizante assinalado por Soares, tinha na verdade a concepção de que os alunos tivessem a sensação de estarem em casa, por isso as atividades eram de cunho mais prático do que teórico.

De acordo com relatos obtidos por Furlan (2009), a rotina dos alunos se constituía basicamente em cuidar dos animais existentes na escola, como porcos, galinhas e vacas leiteiras e depois cuidar das plantações, que além da soja, milho e trigo, havia também uma plantação de bananas, algumas verduras e algumas árvores frutíferas.

A ideia era que os alunos tivessem uma noção de como era cuidar de uma propriedade rural, indo desde o trato com os animais e noções de agricultura até a questão da comercialização destes produtos. Para tanto, a escola contava com um moinho de trigo, no qual se mantinha um estoque dos seus produtos.

No estábulo os alunos teriam aulas práticas de bovinocultura, no aviário, noções de como criar galinhas, a pocilga na qual ficavam os porcos, na horta, aprendia-se sobre a produção de pequenas culturas como alface, tomate, hortaliças, na lavoura, o plantio de milho, trigo, banana, feijão. A formação ofertada aos alunos correspondia às séries ginasiais, ou seja, da quinta a oitava série.

IMAGEM 6: Pátio interno do Colégio Agrícola Dom Bosco – sem data.



LEGENDA: Vista interna do pátio da EE Dom Bosco, alguns alunos estão segurando ou estão sobre suas bicicletas, não se sabe se é o início ou o fim das aulas, pode-se ver a estrutura simples do prédio, chama a atenção de haver fios de fiação em uma das paredes, o que indica a existência de energia elétrica na escola.

FONTE: Arquivo da Missão Salesiana de Mato Grosso.

Em relação aos alunos que eram atendidos pela instituição, que em seu início funcionava como internato, estes continuam sendo filhos de pequenos agricultores, alguns residentes na área urbana do distrito de Indápolis, outros em sítios ou pequenas propriedades rurais.

Nesta imagem (Imagem 6, p.74) podemos ver os alunos no interior do pátio escolar, provavelmente ao fim das aulas, alguns estão pegando suas bicicletas, outros estão a pé, a quantidade de bicicletas no pátio nos chama a atenção, afinal até meados da década de 1990 este não era um veículo de fácil aquisição.

Podemos visualizar a parte interna do colégio com três blocos de sala de aula, e ao centro o pátio, utilizado pelos alunos nas horas do intervalo. Este modelo, no qual os alunos ficam no centro, o que de certa forma facilitaria o controle social dos mesmos por parte dos professores e diretores da instituição.

Atualmente grande parte dos estudantes se desloca até a escola por meio de ônibus escolares, sendo em média de nove ônibus que vão até a EE Dom Bosco todos os dias, alguns estudantes mora perto da instituição e deslocam por meio de bicicletas ou até mesmo a pé.

Nesse sentido começamos a pensar então qual seria a relação entre a escola e a comunidade em seu entorno, quem são estes alunos atendidos pela EE Dom Bosco. Sabemos que boa parte dos estudantes é oriunda da zona rural, mas como este isto é visto e trabalhado pela escola?

FEIRAS DE CIÊNCIAS: POR QUE O APRENDIZADO NÃO SE DÁ APENAS NOS BANCOS ESCOLARES

Barcelos, Jacobucci, Jacobucci (2010), assinalaram que a Feira de Ciências é uma prática que teve início no Brasil em meados da década de 1960, que tinham como foco auxiliar alunos e comunidade escolar e conhecerem alguns materiais existentes em laboratórios, antes considerados inacessíveis.

Na década de 1980, houve uma alteração em termos de como as Feiras de Ciências deveriam ser organizadas, de modo que

a apresentação dos trabalhos para a sociedade por intermédio da Feira de Ciências constituía uma oportunidade única para os alunos ocuparem o lugar de sujeito-falante e entusiasmado com a Ciência, algo não vivenciado em sala de aula. Mesmo a Feira de Ciências sendo praticada na lógica da receita, e não da ação criativa, esse evento era considerado excelente pelos alunos, em função de ser uma forma diferente de aprender. Nessa época, a Feira de Ciências passou a ser a marca da escola inovadora. (Barcelos, Jacobucci, Jacobucci, 2010).

Se em seu início ainda como Colégio de Iniciação Agrícola Dom Bosco, seu objetivo era a formação para o trato agrícola, nos anos seguintes, quando se torna uma escola estadual, essa característica permanecerá em seus corredores isso pode ser visto na imagem abaixo.

Nesta imagem (Imagem 7, p.77) podemos ver um grupo de cinco moças com camisetas brancas com o desenho da cabeça de um boi, elas fazem parte do grupo denominado de “Análise Bovina”, que apresentou seu trabalho em uma das Feiras de Ciências realizada pela escola durante a década de 1990. Há o destaque ainda para os cartazes acerca da Febre Aftosa.

Esta imagem tornou-se relevante pelo fato de ser a única presente no acervo fotográfico da EE Dom Bosco, mas que representa bem a questão da permanência de sentidos e principalmente a inculcação de ideias. Uma vez que mesmo não sendo mais uma escola voltada para a formação agrícola, a mesma continuou mantendo tais conteúdos em seu currículo e em suas práticas pedagógicas.

Assim sendo, a Feira de Ciências acabou tendo seu nome alterado para Feira Científico-Cultural, na qual houve a inserção de outras disciplinas que não apenas as de Ciências, Química ou Física.

Nesse sentido, as Feiras de Ciências realizadas pela EE Dom Bosco ao longo da década de 1990, procuraram sempre manter uma relação entre todas as disciplinas, com destaque para a questão da preservação da cultura e principalmente para algumas questões de saúde como, por exemplo, a prevenção de certas doenças como a AIDS, Dengue e Câncer.

IMAGEM 7: Grupo “Análise Bovina” – Feira de Ciências da EE Dom Bosco. (Década de 1990).



LEGENDA: Cinco alunas sorridentes com camisetas cuja estampa é a cabeça de uma vaca, em frente a uma mesa com o cartaz sobre a Aftosa, a imagem é da década de 1990, não foi possível identificar o ano.

FONTE: Acervo Fotográfico da Escola Estadual Dom Bosco.

Na próxima imagem (Imagem 8, p.79) temos um exemplo desse assunto, ainda referente às Feiras de Ciências, podemos ver que na primeira imagem um grupo de alunos está usando uma camiseta com a seguinte inscrição “Bom Bosco – Combatendo a Dengue”, é possível identificar alguns cartazes informativos, bem como algumas plantas, garrafas, latas e alguns folhetos sobre a mesa.

Ao fundo da imagem há uma casa de madeira utilizada pelos alunos durante a explicação para representar como um quintal deveria estar organizado de modo a evitar a transmissão da dengue.

Na segunda imagem, podemos ver um grupo de alunos apresentado sobre alguns tipos de câncer, é possível identificar cartazes com os títulos “Colo do útero”, “Câncer da Próstata”, “Leucemia”, “Câncer do Pulmão”. Sobre a mesa há também uma maquete do corpo humano, bem como alguns folhetos.

De modo a garantir uma maior participação durante as Feiras de Ciências, segundo a direção EE Dom Bosco, era comum, a entrega de notas serem junto com este evento, o que garantia uma presença maior dos pais e dos alunos.

A Feira de Ciências da EE Dom Bosco era realizada no seu salão de festas, contando com uma abertura feita pelos próprios alunos e professores, normalmente uma apresentação teatral com danças e músicas seguidas da apresentação das pesquisas feitas por cada grupo e ao final a premiação.

Em um levantamento preliminar no acervo fotográfico da EE Dom Bosco, pode-se notar que entre os temas mais presentes nas Feiras de Ciências realizadas pela escola eram a prevenção da dengue e de alguns tipos de câncer. A escolha de tais temáticas está relacionada justamente a grande incidência destas doenças e principalmente a falta de conscientização acerca da sua prevenção.

IMAGEM 8: Apresentação dos trabalhos durante Feira de Ciências na EE Dom Bosco I– década de 1990.



LEGENDA: Alunos em frente a uma mesa tendo ao fundo uma casa de madeira em miniatura, e vários cartazes acerca da dengue. Vários alunos com camisetas de cor cinza e estampadas com cartazes ao fundo cuja temática é a prevenção de alguns tipos de câncer.

FONTE: Acervo Fotográfico da Escola Estadual Dom Bosco.

As pesquisas realizadas pelos alunos e posteriormente apresentada nas Feiras de Ciências tinham como foco principal a difusão de um determinado tipo de conhecimento, como no caso das apresentações acerca da prevenção de cânceres, ao tabagismo e a dengue.

Como este tipo de evento realizado juntamente com a entrega das notas dos alunos, o que garantia a presença de um número maior de pessoas da comunidade escolar, mas principalmente dos pais, o que de certa forma incentivava a difusão e a conscientização de um grupo maior de pessoas.

Conforme foi dito, e principalmente com base no levantamento realizado no acervo fotográfico da EE Dom Bosco, não eram apenas assuntos relacionados à saúde como a prevenção de doenças que eram apresentados nas Feiras de Ciências, havia também a preocupação com a questão da memória e da cultura.

Nas duas próximas imagens (Imagem 9, p.81) poderemos ter uma visão acerca desse assunto. Afinal, qual memória a EE Dom Bosco estava tentando manter viva?

Na primeira imagem cujo título do trabalho foi “Cultura Indígena”, na qual os alunos estão usando cocares e parte da indumentária indígena, sobre a mesa é possível ver alguns instrumentos, bem como inúmeras plantas, ao fundo há um cartaz com varias imagens e bem acima, um desenho de uma criança indígena.

Em outra imagem referente ao mesmo trabalho, é possível visualizar alguns arcos e flechas, modelos de como seriam as casas indígenas, e sobre a mesa há um pedaço de mandioca, o que remeteria à culinária tipicamente indígena.

Historicamente a região sul do atual Mato Grosso do Sul abriga diversos grupos indígenas, e a região na qual a CAND foi instalada pertencia inicialmente aos índios Kaiowá, que posteriormente foram expulsos e obrigados a se instalarem em outras áreas (Vietta, 2007).

IMAGEM 9: Apresentação dos trabalhos durante Feira de Ciências na EE Dom Bosco III. – década de 1990.



LEGENDA: Crianças vestidas com indumentárias tipicamente indígenas, como colares, cocares e saias, há muitas plantas, na segunda imagem atrás da meninas há uma oca em miniatura bem como a presença de alguns alimentos considerados como herança indígena como a mandioca e o milho, além de produtos artesanais.

FONTE: Acervo Fotográfico da Escola Estadual Dom Bosco.

Atualmente a cidade de Dourados conta com duas aldeias indígenas, Jaguapiru e Bororó, e uma população de quase 14 mil indígenas das etnias Kaiowa, Guarani e Terena.

Percebe-se por meio das imagens localizadas no acervo da EE Dom Bosco, que a imagem que se tem da cultura indígena ainda é aquela dos livros didáticos, no qual associam o índio apenas ao mato, á floresta e produção de produtos artesanais, esquecendo que atualmente são poucas as comunidades indígenas que ainda conseguem se manter em contanto direto com a natureza, muitos sobrevivem é de ajudas fornecidas pelo Governo Federal.

Além da cultura indígena, pode-se perceber por meio do acervo fotográfico da EE Dom Bosco, que a cultura gaúcha também esteve presente nas Feiras de Ciências realizadas pela escola.

Na próxima imagem (Imagem 10, p.83) podemos ver primeiramente alguns alunos com a professora em frente de uma mesa que esta repleta de produtos tipicamente gaúchos, como por exemplo, como cuias e bombas para chimarrão, erva mate, em outro canto da mesa há garrafas de vinho, panelas de ferro e ferros de passar roupa. Na parede está um cartaz com o título “Cultura Gaúcha em Dourados – 5ªA” seguido de um texto e o desenho do brasão do Rio Grande do Sul.

Posteriormente podemos ver os alunos vestidos com trajes gaúchos adentrando o salão de eventos da escola, tendo em volta os demais alunos da instituição.

O distrito de Indápolis surgiu na década de 1940 devido a criação da CAND, e boa parte dos colonos era oriunda da região Nordeste, como pontuou Naglis (2007), no entanto, ao analisar as imagens existentes no acervo fotográfico da EE Dom Bosco, pode-se perceber que apenas os gaúchos e os indígenas foram retratados.

IMAGEM 10: Apresentação dos trabalhos durante Feira de Ciências na EE Dom Bosco IV. – década de 1990.



LEGENDA: Alunos e professora em frente de uma mesa com produtos tipicamente gaúchos, tendo ao fundo cartazes e o desenho do brasão do Rio Grande do Sul. Alunos com trajes gaúchos adentrando o salão de eventos da EE Dom Bosco.

FONTE: Acervo Fotográfico da Escola Estadual Dom Bosco.

O fato de a escola ter sido criada e mantida inicialmente por padres oriundos da região sul do país, poderia explicar o porquê desta situação, entretanto, sabe-se que ainda há muitos moradores e principalmente alunos descendentes de nordestinos, o que nos leva a questionar de que maneira era feita a escolha de temas para serem trabalhados nas Feiras de Ciências.

Além dos trabalhos apresentados e registrados por meio de imagens fotográficas das Feiras de Ciências da EE Dom Bosco, bem como a fotografias referente às décadas de 1960 á 1980, que já foram apresentados, a escola registrou outros momentos de suas atividades como, por exemplo, os passeios escolares, que veremos a seguir.

PASSEIOS ESCOLARES:

Entendendo que a educação não se dá apenas nos bancos escolares, ou ainda, por meio de festividades ou jogos escolares, a Escola Dom Bosco, proporcionava passeios escolares ou pedagógicos aos seus alunos.

Nascimento (2006), por exemplo, pontuou que as viagens escolares servem como estratégias de ensino e aprendizagem de determinados conteúdos, viagens são também uma forma de proporcionar aos alunos a ampliação das experiências educativas vistas em sala de aula.

Esse tipo de atividade favorece a construção de significados e a atribuição de sentidos, por parte dos alunos, aos conteúdos desenvolvidos pela escola. Além disso, entende-se que as visitas às cidades históricas, às instituições museológicas, aos acervos artístico-culturais, aos prédios públicos, assim como o contato com as manifestações populares e a apreensão de conceitos variados proferidos pelos guias de turismo, proporcionam o desenvolvimento de objetivos relacionados ao campo das atitudes e dos procedimentos no processo de construção do conhecimento. (NASCIMENTO, 2006, p.10).

As viagens pedagógicas ou ainda passeios pedagógicos podem ser vistas como uma forma de alteração das chamadas práticas convencionais presentes no contexto curricular das escolas. Uma vez que facilitam o desenvolvimento do pensamento crítico dos alunos, bem como a sua socialização com o ambiente em que vivem.

Barroso (2007) pontuou que normalmente a escola realiza uma atividade anterior ao passeio ou viagem, no qual é feito um trabalho de pré-campo, onde são trabalhadas algumas “discussões que se pretende fomentar na viagem” (p.40).

Quando da volta do passeio ou viagem, costuma-se haver uma sistematização do que foi visto algumas discussões podem ser aprofundadas, além do que os alunos costumam realizar alguma atividade, como um texto, trabalhos escritos ou apresentações acerca da viagem realizada.

No caso da EE Dom Bosco, na qual os alunos realizam frequentes passeios escolares, como pode ser observado por meio do seu acervo fotográfico, nos questionamos primeiramente sobre quais locais eram visitados com mais frequência pelos estudantes.

Em uma análise preliminar percebeu-se que os passeios realizados foram em grande maioria a fábricas de ração ou a indústrias ligadas ao trato agrícola, como a Avipal ou Copacentro, outras imagens registram visitas a laboratórios da Embrapa e UFMS, entretanto, não foram localizados registros de passeios a Museus, Centros de Documentação, praças, prédios históricos dentre outros espaços.

Na próxima imagem (Imagem 11, p.86) podemos ver os alunos provavelmente em um galpão da Seara, ouvindo a explicação de um homem, tendo ao fundo sacos de estopa, provavelmente contendo ração animal. A seguir os alunos estão na entrada da Seara, tendo ao fundo um prédio com o logo da empresa, os alunos estão fazendo pose para a foto.

Considerando o que Barroso (2007) sinalizou acerca dos passeios escolares, de que estes são realizados em três etapas, antes, durante e após o passeio, de modo a dar mais ênfase em algum aspecto da atividade, qual seria então, os aspectos a serem enfatizados durante estes passeios realizados pelos estudantes da EE Dom Bosco?

IMAGEM 11: Visita dos alunos da EE Dom Bosco a Fábrica Seara – década de 1990.



LEGENDA: Alunos da EE Dom Bosco no interior da Fábrica de Ração Seara, tendo ao fundo vários sacos de estopa, os estudantes estão ouvindo alguma explicação. Abaixo, os alunos estão na entrada da Seara, eles estão uniformizados e entre eles está uma professora.

FONTE: Acervo Fotográfico da Escola Estadual Dom Bosco.

O fato de a escola ter sido criada inicialmente como Colégio Agrícola e principalmente a questão de que boa parte de seus estudantes residem na zona rural podem estar exercendo influencia sobre algumas atividades desenvolvidas pela instituição?

Ao que tudo indica sim, de fato, a instituição ainda procura manter certa cultura escolar, que como apontou Julia (2001), a cultura escolar pode ser descrita como um conjunto de normas que definem o conjunto de normas e conhecimentos a inculcar nos alunos.

Julia (2001) também nos chama a atenção para o fato de que a cultura escolar não está restrita ao interior da escola, ela pode ser vista e vivida por meio da comunidade que esta ao entorno da instituição.

Nesse sentido, pensar em qual cultura escolar a EE Dom Bosco está tentando manter, ou ainda, esta tentando construir, nos remete aos seus anos iniciais de funcionamento quando ainda era Colégio Agrícola e tinha como objetivo a formação para o trato agrícola.

Essa preocupação com a formação para o trato agrícola estará mais forte durante a Era Vargas, com destaque para o ano de 1942, no qual, por meio da Lei Organiza do Ensino Industrial, cria o sistema de escolas agrotécnicas.

Apesar de, inicialmente, o sistema de escolas agrotécnicas não dar conta da demanda da população, o mesmo abre as portas para que escolas agrícolas particulares passassem a funcionar, o que é o caso do Colégio Agrícola Dom Bosco.

Tanto o Padre André Capelli, quanto o Padre José Daniel, por diversas vezes anunciaram que era somente por meio da formação agrícola que a economia brasileira melhoraria.

Atualmente, apesar da EE Dom Bosco não ofertar mais uma formação para o trato agrícola, a mesma continua atendendo uma grande demanda de alunos oriundos da zona rural tanto do distrito de Indápolis, quanto de outros distritos próximos e nesse sentido, tem organizado e preparado atividades que de certa forma continuam mantendo essa ideia de uma formação agrícola em pé.

Em relação ao seu acervo fotográfico, pode-se perceber que o mesmo difere quando comparado com outras instituições escolares, que na maioria das vezes optam por registrar eventos como formaturas, atividades do cotidiano escolar, bem como as festas e passeios escolares.

No total foram localizados 221 álbuns de fotos, que totalizaram 1180 fotografias, destas, apenas uma era referente á Festa Junina, bem como apenas uma fotografia referia-se a formatura. As demais imagens estavam relacionadas ás Feiras de Ciências, passeios escolares, jogos escolares e as Feiras Culturais promovidos pela EE Dom Bosco.

Este a acervo fotográfico difere de outros já localizados em diferentes instituições escolares, o que mostra a relevância e a importância de estudos como este, que tem por base o levantamento e a apresentação da história da escola por outros vieses, como por exemplo, a história da escola por meio de seu acervo fotográfico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Escrever a história de uma instituição escolar não significa utilizar como base apenas aos documentos escritos enquanto fontes de pesquisa, mas sim uma variedade maior que vai desde relatos e entrevistas até aos objetos de uso cotidiano ou ainda aos acervos fotográficos.

Com base no levantamento bibliográfico realizado pode-se perceber que apesar de seu uso recorrente, a fotografia, ou melhor, o acervo fotográfico de instituições escolares era visto apenas pelo seu caráter ilustrativo, e em pouquíssimos casos como fonte de pesquisa.

Assim também as pesquisas acerca da História das Instituições Escolares, cuja temática de pesquisa ainda é algo recente na academia. Boa parte das pesquisas já realizadas deu ênfase na história de escolas pioneiras, escolas confessionais, escolas de formação de professores, ou seja, apenas instituições consideradas de renome.

É nesse sentido que esta dissertação de mestrado de pautou, tendo em vista que toda e qualquer instituição escolar merece ser estudada, mas principalmente, tomando como base as palavras de Chartier quando o mesmo pontuou que cabe ao pesquisador construir suas fontes de pesquisa quando a mesma não está disponível.

Assim sendo, considerando que a Escola Estadual Dom Bosco e principalmente a sua história é relevante para a História da Educação do Mato Grosso do Sul que optamos por estudá-la. Para tanto recorreremos à cultura escolar enquanto categoria de análise, apoiada na História das Instituições Escolares, e utilizando como fonte de pesquisa o acervo fotográfico.

Esta pesquisa teve por objetivo escrever a história da Escola Estadual Dom Bosco, localizada no distrito de Indápolis/MS por meio de seu acervo fotográfico.

Criada na década de 1950 pela Missão Salesiana de Mato Grosso, a EE Dom Bosco, passou por inúmeras transformações, seja em termos de denominação, primeiramente Ginásio de Iniciação Agrícola Dom Bosco (1956), posteriormente, Colégio Agrícola Dom Bosco (década de 1960), Escola

Estadual de 1º grau Dom Bosco (1971), Escola Estadual de 1º e 2º grau Dom Bosco (1977), Escola Estadual Dom Bosco (1998).

A fotografia por muito tempo foi utilizada apenas como recurso meramente ilustrativo de textos, entretanto, nas últimas décadas isso tem mudado de situação e acervos fotográficos passaram a ser vistos como fontes de pesquisa.

Na primeira parte desta dissertação apresentamos algumas noções acerca da Nova História Cultural e de como a mesma influenciou o campo de pesquisa da História da Educação, com destaque para o uso da Cultura Escolar enquanto categoria de análise. Posteriormente foi apresentando alguns pontos acerca da História das Instituições Escolares, seguido de um levantamento acerca das pesquisas de mestrado já realizadas na área.

Em um segundo momento desta dissertação, foi apresentando um pouco da contextualização histórica da região em torno da instituição escolar pesquisada, bem como um pouco da história. Após isso se falou um pouco acerca das fotografias e dos acervos fotográficos enquanto fontes de pesquisa, com o objetivo de servir de introdução para a análise do acervo fotográfico da EE Dom Bosco.

Com cerca de 1180 fotos o acervo fotográfico da Escola Estadual Dom Bosco se restringe apenas às décadas de 1990 á 2000, no entanto as imagens ali dispostas registraram uma parte importante da história da instituição escolar, com destaque para os eventos culturais, como as feiras de ciências, feiras culturais e passeios escolares.

Para complementar o conjunto de imagens fotográficas da EE Dom Bosco, utilizamos também algumas imagens da escola referente as décadas de 1950 á 1980 e que estão arquivadas no Arquivo da Missão Salesiana de Mato Grosso (MSMT) em Campo Grande/MS.

A fotografia tem a função de registrar, manter vivo determinada lembrança ou acontecimento, mais do que o documentos escrito, a imagem fotográfica consegue captar elementos e ideias subjetivas que de outra forma seriam impossíveis de serem guardadas.

Foi com esse olhar que partiu-se para a análise do acervo fotográfico da EE Dom Bosco, procurando perceber e captar os elementos ali presentes

na tentativa de estabelecer uma relação os objetivos que dera origem á escola e os objetivos que a permeiam nos dias de hoje.

Por meio do acervo fotográfico da EE Dom Bosco, bem como as falas de alguns professores e de alguns funcionários, pode-se perceber que a referida instituição procura manter a ideia de um colégio agrícola, seja por meio de atividades com os alunos, seja por meio de seus registros fotográficos.

A ênfase nas fotografias relacionadas às Feiras de Ciências, com destaque para os trabalhos relacionados á vida no campo, ou ainda á memória dos ditos “pioneiros”, nos leva a acreditar que a EE Dom Bosco de fato procura manter viva a imagem de escola rural, ou ainda, que ofereça formação para atuação na área rural.

Trabalhos voltados para o estudo de instituições escolares estão em franco crescimento, entretanto, pesquisas cujo foco seja o acervo fotográfico destas instituições **ainda é pouco**, sendo que na maioria das vezes, as imagens selecionadas para serem analisadas estão relacionadas às formaturas escolares, inicio ou termino do ano letivo, desfiles, ou visitas de autoridades.

Apesar de a ideia ser de utilizar as imagens fotográficas visando apresentar parte do cotidiano escolar, este, também pode ser representado em imagens fotográficas diferentes, como é o caso do EE Dom Bosco no qual as festividades e passeios escolares é que tiveram uma representatividade maior.

Esta pesquisa de mestrado não se encerra aqui, trata-se apenas de promover um novo olhar para as pesquisas sobre a História das Instituições Escolares, com o intuito de fomentar que novos trabalhos, mas principalmente novos olhares possam surgir acerca do uso dos acervos fotográficos existentes em escolas de Mato Grosso do Sul e do Brasil.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

APROVADO o Plano Educacional Agrícola de Dourados, **Jornal O Progresso**, Dourados, p.4, 19 abr. 1967.

BARROS, Armando Martins. Os álbuns fotográficos com motivos escolares: veredas ao olhar. In: GATTI Jr. e INÁCIO FILHO, Geraldo. **História da Educação em Perspectiva: ensino, pesquisa, produção e novas investigações**. Campinas: Autores Associados; Uberlândia: EDUFU, 2005. (Coleção memória da educação).

BARROSO, José Arthur. **Você vê essa adaptação?** A aula de campo em ciências entre o retórico e o empírico. São Paulo: USP, 2007 Tese (Doutorado em Educação).

BENJAMIM, Walter. Pequena história da fotografia. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 7º edição. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas).

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

BONATO, Nailda Marinho da Costa. A Escola Profissional para o sexo feminino através da imagem fotográfica. In: **Anais da 27ª Reunião Anual da ANPEd**: Caxambu/MG, 2004.

BRASIL, **Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 5692, de 11 de agosto de 1971. Fixa diretrizes e bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. Brasília, DF, 1971.

BRASIL, **Referente a profissionalização do ensino de 2º grau**. Lei nº 7044 de 18 de outubro de 1982. Altera dispositivos da Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971, referentes a profissionalização do ensino de 2º grau. Brasília, DF, 1982.

BRAZIL, Maria do Carmo. ; FURTADO, Alessandra Cristina. Instituições Escolares em Mato Grosso e Mato Grosso do Sul: primeiros apontamentos sobre a produção historiográfica nos Séculos XX e XXI. In: COSTA, Célio Juvenal.; MELO, Joaquim José.; FABIANO, Luiz Hermenegildo (orgs). **Fontes e métodos em história da educação**. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2010.

BURKE, Peter (org). **A escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: Editora Unesp, 1992.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular: história e imagem**. Trad. Vera Maria Xavier dos Santos; revisão técnica: Daniel Aarão Reis Filho. Bauru: EDUSC, 2004.

CAPPELI, André. Relatório da Escola de Iniciação Agrícola Dom Bosco, Indápolis – Dourados/MT. 1978. In: **Arquivo da Missão Salesiana de Mato Grosso, Campo Grande/MS**.

CARDOSO, Ciro Flamarion S. Iconografia e história. In. **Resgate**: revista interdisciplinar de cultura do Centro de Memória Unicamp. Campinas, SP: Papyrus, 1990.

CARVALHO, Marta Chagas. Por uma história cultural dos saberes pedagógicos. In: SOUSA, Cynthia Pereira de; CATANI, Denice Bárbara. **Práticas educativas, cultura escolares profissão docente**. São Paulo: Escrituras, 1997.

CATANI, D. Bárbara & FARIA FILHO, Luciano Mendes de. "Um lugar de produção e a produção de um lugar: a história e a historiografia divulgadas no GT História da Educação da ANPEd (1985-2000)". **Revista Brasileira de Educação**, 19, jan./abr. 2002, pp. 113-128;

CATANI, Denice.; SOUSA, Cynthia Pereira de (orgs.) **Imprensa periódica educacional paulista (1890-1996)**: Catálogo. São Paulo: Plêiade, 1999.

CHAVES, Miriam Um estudo sobre a cultura escolar no Rio de Janeiro dos anos de 1930: pelas lições de história. In: **revista brasileira de história da educação**. nº1 jan./jun. 2001.

CIAVATTA, Maria. **O mundo do trabalho em imagens**: a fotografia como fonte histórica (Rio de Janeiro, 1900-1930). Rio de Janeiro: DP&A; Faperj, 2002.

DANIEL, José (Padre). O que a Colônia mais necessita para melhorar a sua situação. **Jornal O Progresso**, Dourados, p. 2, 04 de ago. 1957.

DIA das mães no Ginásio Dom Bosco de Indápolis, **Jornal O Progresso**, Dourados, p.1, 5 jun. 1971.

ESCOLANO BENITO, Agustín. A arquitetura como programa. Espaço – escola e currículo. In: VIÑAO FRAGO e ESCOLANO BENITO. **Currículo, espaço e subjetividade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

FURLAN, Silvana. **A trajetória de um sonho: breve recuperação histórica da Escola Estadual Dom Bosco**. Dourados, MS: UFGD, 2008 (Monografia) Especialização em Formação de Profissionais da Educação, 2008.

GATTI Jr. Décio. A história das Instituições educacionais: inovações paradigmáticas e temáticas. In: GATTI Jr.; ARAÚJO, José Carlos. **Novos temas em História da Educação Brasileira: Instituições escolares e Educação na Imprensa**. Campinas: Autores Associados; Uberlândia: EDUFU, 2002. (Coleção Memória da Educação).

GATTI Jr. Décio; PESSANHA, Eurize Caldas. História da Educação, Instituições e Cultura Escolar: conceitos, categorias e materiais históricos. In: GATTI Jr. e INÁCIO FILHO, Geraldo. **História da Educação em Perspectiva: ensino, pesquisa, produção e novas investigações**. Campinas: Autores Associados; Uberlândia: EDUFU, 2005. (Coleção memória da educação).

GIRARDI, Jr. Liraucio. **Pierre Bourdieu: questões de sociologia e comunicação**. São Paulo: Annablume. FAPESP, 2007.

GRESSLER, Lori Alice; SWENSSON, Lauro Joppert. **Aspectos históricos do povoamento e da colonização do Estado de Mato Grosso do Sul: destaque especial ao município de Dourados**. Dourados: L.A. Gressler, 1988

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. In: **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas, nº1, 2001

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

LE GOFF, Jaques. Documento/monumento. In: **História e Memória**. Trad. Bernardo Laitão (et.al.). 3. ed. Campinas, SP: Editora Unicamp, 1994, p.535-553.

LIMA, Solange Ferraz; CARVALHO, Vânia Carneiro, Fotografias: usos sociais e historiográficos. In: PINSKY, Carla; LUCA, Tânia Regina(orgs). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009.

LOPES, Eliana Marta & GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **Historia da Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001 (O que você precisa saber sobre)

LUIZ, Marilda Cabreira Leão. **Retratos da escola: organização do acervo fotográfico e as possibilidades de utilização das imagens como fontes em História da Educação**. Dourados: UFGD, 2012. Dissertação (Mestrado em Educação).

MAGALHÃES, Justino. A história das instituições educacionais em perspectiva. In: GATTI Jr. e INÁCIO FILHO, Geraldo. **História da Educação em Perspectiva: ensino, pesquisa, produção e novas investigações**. Campinas: Autores Associados; Uberlândia: EDUFU, 2005. (Coleção memória da educação).

MAGALHÃES, Justino. Um apontamento metodológico sobre a história das instituições educativas. In: SOUZA Cynthia & CATANI, Denice (orgs.). **Práticas educativas, culturas escolares, profissão docente**. Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação, 2. São Paulo, Escrituras, 1998.

MANCINI, Ana Paula; OLIVEIRA, Magda Sarat; SILVA, Paula Nudmila. Entre história e memória: normalistas do Instituto Educacional de Dourados: 1959 – 1969. In: **Revista Educação e Fronteiras**, Dourados/MS, v. 1, nº 1, Jan/Jul, 2007, pp. 119 – 132.

MARROU, Henri-Irenée. **Sobre o conhecimento histórico**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

MARTINS, José de Souza. **Sociologia da Fotografia e da Imagem**. São Paulo: Contexto, 2008.

MAUAD, Ana Maria. Através da imagem: fotografia e interfaces. In: **Revista Tempo**, Rio de Janeiro, vol.1, nº2, 1996, p.73-98.

MENEZES, Ana Paula; QUEIROZ, Paulo R. Cimó. A agricultura comercial na Colônia Agrícola Nacional de Dourados (CAND) nas décadas de 1950 e 1960. In: **Encontro de Iniciação Científica UFGD/UEMS, 2º Encontro de Pós-Graduação**, 2008, Dourados. Pesquisa discente: da iniciação à pós-graduação. Dourados: UFGD/UEMS, 2008. p. 1-19.

MIGUEL, Maria Elizabeth Blanck. Os arquivos e fontes como conhecimento da história das instituições escolares. In: NASCIMENTO, Maria Isabel ... (et al.), (orgs.). **Instituições escolares no Brasil: conceito e reconstrução histórica**. Campinas, SP: Autores Associados: HISTEDBR; Sorocaba, SP; Ponta Grossa, PR:UEPG, 2007 (Coleção Memória da Educação).

MOGARRO, Maria João. **História da Educação e Formação de Professores em Portugal (1862-1930)**. Disponível em: <http://www.faced.ufu.br/colubhe06/anais/arquivos/27MariaJoaoMogarro.pdf>. Consultado em: 20/11/2011.

NAGLIS, Suzana Gonçalves Batista. **Marquei aquele lugar com o suor do meu rosto: os colonos da Colônia Agrícola Nacional de Dourados – CAND, 1943 – 1960**. Dourados/MS: UFGD, 2007. Dissertação (Mestrado em História).

NASCIMENTO, Maria Cristina. **Viagens Escolares: ampliação da cultura, aprendizagem e sociabilidade**. Belo Horizonte: Centro Universitário UNA. 2006. Dissertação (Mestrado em Turismo e Meio Ambiente).

NOSELLA, Paolo ; BUFFA, Ester. **Instituições Escolares: Por que e como pesquisar**. Campinas/SP: Editora Alínea, 2009.

NUNES, Clarice. Ensino e historiografia da educação: problematização de uma hipótese. In: **Revista Brasileira de Educação**, nº1, p.67-79, jan./abr., 1996.

OLIVEIRA JUNIOR, Antonio Ribeiro de. **Do reflexo à mediação: um estudo da expressão fotográfica e da obra de Augusto Malta**. Campinas/SP: Universidade Estadual de Campinas, 1994. (Dissertação de Mestrado em Multimeios do Instituto de Artes da Unicamp).

PEIXOTO, Ana Maria Casasanta. A imagem como fonte na pesquisa em História da Educação. In: FIGUEIREDO, Betânia; VIDAL, Diana (orgs). **Museus: dos gabinetes de curiosidade à museologia moderna**. Belo Horizonte: Argumentum; Brasília: CNPQ, 2005.

PONCIANO, Nilton. **Fronteira, Religião, Cidade: o papel da Igreja Católica no processo de organização sócio-espacial de Fátima do Sul/MS (1943 – 1965)**. Assis, SP: UNESP, 2006 (Tese) Doutorado em História.

SANFELICE, José Luís. História, Instituições Escolares e Gestores Educacionais. In: **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n. especial, p.20–27, ago. 2006 - ISSN: 1676-258.

SANTINI, Poliana Gianello. Da Usina Filinto Muller à Usina de Urubupungá. In: **Jornal Diário MS**, 20 de Maio de 2008. Disponível em: <
http://www.diarioms.com.br/leitura.php?can_id=36&id=74672>.

SANTOS, Claudete Soares de. **Os colonos e a Igreja Católica no contexto da Colônia Agrícola Nacional de Dourados (1940 – 1970)**. Dourados/MS: UFGD, 2007. Dissertação (Mestrado em História).

SAVIANI, Dermeval. Breves considerações sobre fontes para a História da Educação. In: LOMBARDI, José Claudinei & NASCIMENTO, Maria Isabel (orgs). **Fontes, história e historiografia da educação**. Campinas: Autores Associados: HISTEDBR; Curitiba: PUCPR; Palmas: UNICS; Ponta Grossa: UEPG, 2004. (Coleção Memória da Educação).

SAVIANI, Dermeval. Ensino, Pesquisa e Organização na Formação do Campo da História da Educação Brasileira. In: MONARCHA, Carlos (org.); NOVOA, Antonio (prefácio). **História da Educação Brasileira: Formação do Campo**. Ijuí/RS: UNIJUÍ 2005.

SHARPE, Jim. A história vista de baixo. In: BURKE, Peter (org.) **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Editora UNESP, 1992.

SILVA, Celeida Maria Costa. **História Das Práticas Pedagógicas E Cultura Escolar Do Colégio Salesiano De Santa Teresa, Corumbá-MS (1972-1987)**. Campinas: UNICAMP, 2009. Tese (Doutorado em Educação).

SOARES, Lindamar Etelvino. **Escola de Iniciação Agrícola “Gustavo Dutra”**: O poder disciplinar no contexto do ensino agrícola de Mato Grosso (1947-1956). Cuiabá: UFMT, 2007. Dissertação (Mestrado em Educação).

SOUZA, Rosa Fátima de. Vestígios da cultura material escolar. In: **revista brasileira de história da educação** n° 14 maio/ago. 2007.

STANCIK, Marco Antonio. Entre flores e canhões na Grande Guerra (1914-1918): o final da *Belle Époque* e o começo do “breve século XX” em um álbum de retratos fotográficos. In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 29, n° 58, pp.443-465, 2009.

TANURI, Leonor Maria. História da formação de professores. **Revista Brasileira de Educação**, n. 14, maio-agosto 2000, p. 61-88.

TEATRO estudantil é sucesso em Indápolis, **Jornal O Progresso**, Dourados/MS, p.1, 25 ago. 1971.

VAINFAS, Ronaldo. **História das Mentalidades e História Cultural**. In: CARDOSO, Ciro Flamarion & VAINFAS, Ronaldo (orgs). **Domínios da História: Ensaios de Teoria e Metodologia**. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997, p. 127-163.

VENDRAMETO, **Da Escola Masculina da Capital (São Paulo) à Escola Técnica Estadual Getúlio Vargas: uma proposta de gestão documental**. São Paulo: USP (2005). (Dissertação) Mestrado em Educação.

VIDAL, Diana. Cultura e práticas escolares como objeto de pesquisa em História da Educação. IN: YAZBECK, Dalva Carolina; ROCHA, Marlos Bessa (orgs). **Cultura e História da Educação**: intelectuais, legislação, cultura escolar e imprensa. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2009.

WERLE, Flávia Obino Corrêa. ; BRITTO, Lenir Marina Trindade de Sá. ; COLAU, Cinthia Merlo. Espaço escolar e história das instituições escolares. In: **Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 7, n. 22, p. 147-163, set./dez. 2007.

WERLE, Flávia Obino. História das instituições escolares: de que se fala? In: LOMBARDI, José Claudinei & NASCIMENTO, Maria Isabel (orgs). **Fontes, história e historiografia da educação**. Campinas: Autores Associados: HISTEDBR; Curitiba: PUCPR; Palmas: UNICS; Ponta Grossa: UEPG, 2004. (Coleção Memória da Educação).

ANEXOS

TABELA 1: Lista de temas mais recorrentes no acervo fotográfico da EE Dom Bosco.

TEMAS MAIS RECORRENTES NO ACERVO FOTOGRÁFICO DA EE DOM BOSCO
Jogos escolares
Confraternização
Apresentação teatral dos alunos
Garoto e Garota Dom Bosco
Festa Junina
Feira de Ciências
Projetos Culturais
Grêmio Escolar
Visitas e passeios escolares
Folclore
Diversidade cultural
Visita dos Maristas
Estudantes plantando árvores
História de Dourados
Feira das Nações
Formatura
Espaços da Escola
Monumentos de Dourados
Reunião dos Professores

No total são 1180 fotos, divididas em 221 álbuns fotográficos, sendo que na tabela acima estão os temas mais recorrentes.

Em alguns casos, como a temática “Visita dos Maristas”, “Formatura”, “Festa Junina” havia apenas uma fotografia. A seguir estão disponíveis algumas das imagens coletadas e que não foram apresentadas ao longo da dissertação.

As imagens da década de 1980 foram disponibilizadas pelo pe. João Bosco, da Missão Salesiana de Mato Grosso.

ANEXO A - Apresentação teatral dos alunos da EE Dom Bosco, década de 1990.



ANEXO B - Alunos da EE Dom Bosco em posição de sentido, durante a entoação do Hino Nacional, década de 1990.



ANEXO C - Alunas com trajes típicos de japonesas durante apresentação cultural da EE Dom Bosco, década de 1990.



ANEXO D - Alunos durante apresentação da Festa Junina realizada pela EE Dom Bosco, década de 1990.



ANEXO E - Alunos da EE Dom Bosco durante festa de encerramento do semestre letivo de 1983.



ANEXO F - Coral de alunos do EE Dom Bosco, em 1983.



ANEXO G - Pais e professores da EE Dom Bosco durante reunião no ano de 1983.

